4
A promoção do acesso a museus: estudo exploratório a partir dos dados do contexto escolar

O objetivo deste capítulo é o de discutir as questões associadas à promoção do acesso a museus ou instituições culturais afins a partir dos dados oriundos do questionário do profissional da escola envolvido com a organização de visita a este tipo de espaço e dos itens do instrumento do aluno associados ao tema *padrão de acesso*. Inicialmente, caracterizamos as escolas e a relação entre educação formal e não formal e, na seqüência, apresentamos a estatística descritiva do padrão de acesso, da mobilização para a promoção deste acesso, da disponibilidade de recursos educacionais/culturais nas unidades escolares, da prática cultural de seus profissionais e de suas razões para visitar museus. Discutimos também os resultados das análises bivariadas. Cabe mencionar que o perfil sociodemográfico dos professores e/ou coordenadores pedagógicos e dos diretores está apresentado no anexo V.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.1
As escolas

Tradicionalmente as unidades escolares são categorizadas segundo a rede a qual pertencem. No nosso caso, em municipal e privada. Esta categorização, entretanto, não dá conta de estabelecer ou de identificar padrões diferenciados, quando se considera a rede privada.

Nas escolas da rede municipal as determinações são estabelecidas em nível central (SME) e reforçadas pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Neste sentido, suas formas de organização, seus projetos pedagógicos e culturais são homogeneizados: projeto político-pedagógico, cardápio da merenda escolar, atividades extracurriculares (clube escolar, núcleo de arte, mostra de dança, poesia na escola, orquestra de vozes, etc.), bem como os recursos educacionais (televisão, videocassete, aparelho de som, fitas da MultiRio[1], por exemplo). Cabe assinalar que no tocante aos recursos de informática são poucas as escolas municipais que possuem laboratório de informática com computadores para uso dos alunos (somente 7 escolas

[1] Empresa Municipal de Multimeios da Cidade do Rio de Janeiro (Multirio) – é uma produtora de mídia para crianças, jovens, seus professores e familiares. Desde sua origem, em 1993, a Multirio é parte integrante da Secretaria Municipal de Educação e tem sido fiel aos princípios que norteiam o Núcleo Curricular Básico Multieducação.

informática com computadores para uso dos alunos (somente 7 escolas das 25 amostradas possuem este espaço)[2].

Na rede privada, diferentemente do que ocorre na rede municipal, a diversidade é notória. Os interesses existentes são marcados por disputas de poder e de posições em uma clara luta concorrencial. No sentido de tentar compreender um pouco mais esta diversidade, optamos por usar a classificação indicada por Paes de Carvalho (2004, p.122) em sua pesquisa de doutoramento. A autora assinala que a "*tipologia proposta não tem a pretensão de abarcar toda a complexidade do ambiente institucional de qualquer das escolas da rede privada*". Na seqüência, apresentamos esta tipologia: (i) "*empreendimentos institucionais*", (ii) "*empresas educacionais*" e (iii) "*empreendimentos pedagógicos*".

> *Empreendimentos Institucionais* – correspondem ao conjunto das escolas confessionais tradicionais, nas quais podemos identificar a existência de uma Congregação Religiosa como mantenedora e, a definição de uma missão institucional que propõe a formação integral baseada em valores humanistas e religiosos, sem perder de vista a necessidade de uma integração socialmente responsável à sociedade. A excelência acadêmica aliada à disciplina seria parte 'natural' da tradição da escola, e o eixo da proposta educativa estaria na perspectiva ideológica da própria instituição, que através da escola também realiza sua missão de formação de líderes (elites) e de futuros profissionais competentes. (...) A valorização do saber e da disciplina consolida-se através do corpo docente, geralmente antigo e tão tradicional quanto a escola, que leciona para várias gerações de alunos, reforçando o compromisso institucional e a coesão interna em torno dos valores da escola, partilhados inclusive pelas famílias que as escolhem (Ibid., p.127).

Cinco das 23 escolas de nossa amostra se enquadram nessa categoria. Três delas estão localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro e atendem estudantes de camadas mais favorecidas da população do ponto de vista socioeconômico e cultural. Duas estão situadas na Zona Norte e o perfil dos alunos pode ser caracterizado como de camadas médias.

> *Empresas Educacionais* – em comum, todas têm o fato de serem estabelecimentos leigos e possuírem como mantenedora uma empresa privada de médio ou grande porte que mantêm diversas filiais. O discurso de apresentação na Internet geralmente valoriza o atendimento pleno das necessidades dos alunos e das famílias, particularmente no que se refere ao serviço prestado através da utilização dos mais modernos instrumentos e recursos pedagógicos. A ênfase está na qualidade das instalações e nos recursos tecnológicos disponibilizados, com foco prioritário na clientela atual e potencial da escola (Ibid., p.128).

Cinco escolas de nossa amostra podem ser incluídas nessa segunda categoria: quatro situam-se na Zona Sul e uma na Zona Norte da cidade do Rio. Em geral, atendem a alunos oriundos de famílias com nível socioeconômico elevado que procuram combinar *status* e renda.

[2] Dados do Censo Escolar 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

> *Empreendimentos Pedagógicos* – surgiram pela iniciativa de grupos de educadores e/ou pais e articulam elementos dos dois discursos anteriormente descritos em seu discurso. Apresentam-se como empreendimentos laicos construídos em torno de um ideário pedagógico sem, no entanto, deixar de enfatizar também o êxito alcançado no que se refere ao vestibular. Embora se aproximem da perspectiva das escolas confessionais, não possuem uma instituição mantenedora capaz de garantir seu funcionamento mesmo em momentos mais adversos da economia, o que os coloca muitas vezes numa situação de instabilidade financeira, seja em função da inadimplência ou da evasão de alunos (Ibid., p.130).

Apenas duas escolas de nossa amostra se inserem nessa terceira categoria, sendo que uma está localizada na Zona Sul e a outra, na Zona Norte. Ambas atendem alunos oriundos de famílias de nível socioeconômico e cultural elevados.

Além de as escolas já classificadas (12), existem onze unidades particulares na amostra que não puderam ser encaixadas na tipologia proposta por Paes de Carvalho. Estas unidades são instituições privadas, laicas e mantidas com recursos próprios (mensalidade de alunos), mas que não possuem as características dos três grupos já citados. Estabelecemos, então, mais duas categorias. Uma denominada *particular isolada com uma unidade*, na qual foi possível inserir nove escolas. São escolas que dispõem dos equipamentos de cunho tecnológico comunicacional básicos para apoiar as atividades educacionais na sala de aula ou fora dela. Algumas destas unidades atendem alunos que possuem nível socioeconômico médio semelhante a alunos da rede pública de nível socioeconômico médio alto. Além disto, localizam-se em sua grande maioria nas Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro. A outra categoria é denominada *particular isolada com duas unidades*, na qual encaixamos duas escolas. Estas duas unidades escolares são dotadas de modernos instrumentos e recursos pedagógicos.

Seguem algumas considerações sobre aspectos relacionados à educação que se entrelaçam com a categorização proposta por Paes de Carvalho e estão presentes nas escolas pesquisadas.

Inúmeras investigações realizadas nas últimas décadas comprovam a relação existente entre resultados escolares e origem social dos alunos. No campo da Educação, todo o esforço de pesquisas sobre as desigualdades escolares parece ter permitido que se "*sedimentasse o consenso entre pesquisadores de que só a articulação das abordagens quantitativas e qualitativas pode contribuir para o avanço do conhecimento sobre as complexas relações envolvidas no processo de escolarizaçã*o" (INEP, 1998, p.7).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

De modo geral, sociólogos e educadores, com bastante suporte empírico, têm enfatizado a importância da posição dos indivíduos na hierarquia social para entender as questões relacionadas a seu bem-estar, físico, econômico e sociocultural. Nesta hierarquia o *status* social e o econômico são considerados cruciais, uma vez que afetam as oportunidades educacionais e o acesso a certos mercados de trabalho. Neste contexto, os diplomas se tornam peça chave de ascensão, diferenciando os indivíduos. Os membros dos diferentes grupos sociais, com base nos exemplos de sucesso ou fracasso vividos por seus filhos no sistema escolar, e como parte de suas estratégias educativas, tendem a ajustar os investimentos (maior ou menor esforço), medidos em termos de tempo, dedicação e recursos financeiros, às probabilidades de êxito na carreira escolar, sejam elas maiores ou menores. "*As elites econômicas*, *por exemplo*, *não precisariam investir tão pesadamente na escolarização de seus filhos quanto certas frações das camadas médias*, *que devem sua posição social*, *quase que exclusivamente*, *à certificação escolar*" (Nogueira e Nogueira, 2002, p.23).

Cabe ainda chamar a atenção sobre as escolhas escolares dessas frações que estão baseadas em suas informações sobre o mundo escolar. Estas informações, por sua vez, atuam de forma marcante na definição do futuro escolar dos descendentes, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos facilitam o aprendizado dos conteúdos e dos códigos escolares, funcionando como uma ponte entre o mundo da família e o da escola.

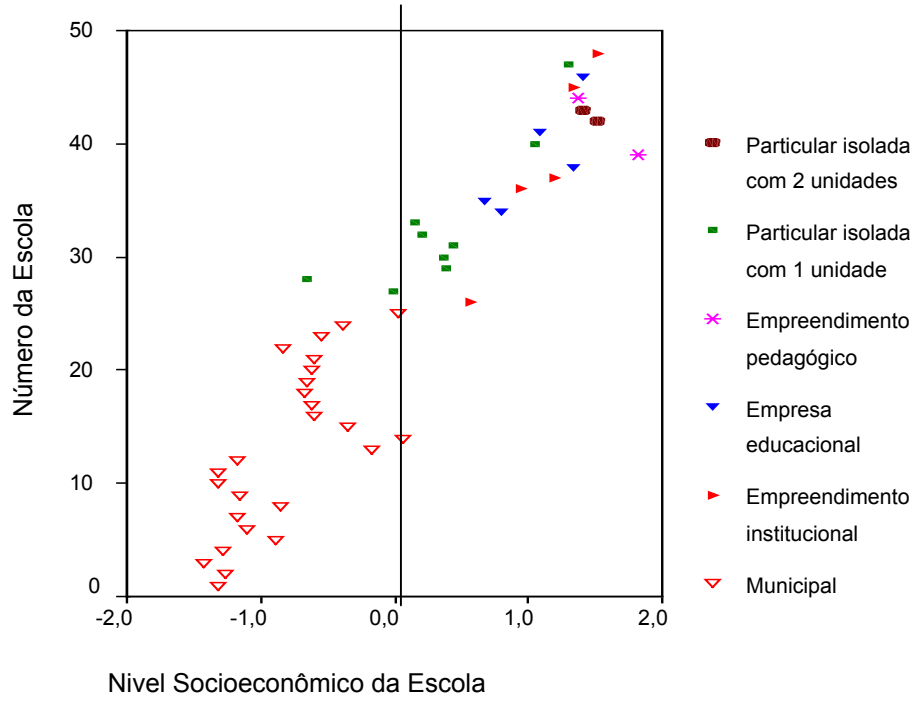
Não se trata apenas do conhecimento sobre a organização formal do sistema escolar, mas, principalmente, da compreensão sobre as "*hierarquias mais ou menos sutis que distinguem as ramificações escolares do ponto de vista de sua qualidade acadêmica, prestígio social e retorno financeiro*" (Ibid., p.22). Esta compreensão, por parte dos pais, facilita a formulação de estratégias que possam orientar a trajetória dos filhos, sobretudo, na escolha da escola.

Para ilustrar as considerações feitas acima, apresentamos o gráfico 4, subseqüente, que mostra a distribuição das escolas segundo o nível socioeconômico, por rede e tipologia. Nele fica evidenciada a forte relação entre nível socioeconômico e dependência administrativa (rede). A reta vertical foi inserida para melhor visualização da média e a variável *número da escola* foi criada para facilitar a distribuição, impedindo a sobreposição dos pontos. Os que estão plotados à esquerda da reta representam as escolas de nível socioeconômico abaixo da média e aqueles situados à direita as escolas de ní-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

vel socioeconômico acima da média. A variável *nível socioeconômico da escola*[3] foi padronizada de forma a assumir média zero e desvio padrão um.

Gráfico 4: Distribuição das escolas segundo o nível socioeconômico, por rede e tipologia



Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Observamos que há uma concentração de escolas municipais abaixo da média (nível socioeconômico baixo). Já em relação às escolas da rede privada, constatamos uma distribuição oposta, ou seja, a maioria apresenta nível socioeconômico alto (concentração acima da média). Percebemos, ainda, um quantitativo reduzido próximo ao valor da média, mostrando a existência de escolas particulares com nível socioeconômico semelhante ao das escolas municipais.

No que diz respeito à tipologia das escolas particulares, esse gráfico evidencia que no grupo de nível socioeconômico mais elevado encontramos representantes de todos os tipos de unidades escolares. Todavia, as escolas do tipo *particular isolada com 1 unidade* estão, em sua grande maioria, situadas no grupo de nível socioeconômico mais próximo da média. Existe um número reduzido de escolas deste tipo que se equipara às escolas municipais e um grupo menor ainda que possui nível socioeconômico abaixo da média.

[3] Cabe lembrar que o nível socioeconômico da escola é o nível socioeconômico médio dos alunos da escola.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.2
A relação entre educação formal e não formal

Nos dias de hoje, a aquisição de conhecimento e habilidade para o exercício pleno das práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade é um processo construído ao longo da vida e que acontece não somente na escola (educação formal), mas também por meio da interação com pares, colegas, amplas comunidades e com os diversos espaços culturais disponíveis no contexto social (educação não formal).

A educação tem sido destacada como recurso de indiscutível importância para enfrentar os novos desafios gerados pela globalização, pelo avanço científico e tecnológico e pela intensificação dos meios de comunicação. É também convocada a promover o acesso socioeconômico dos excluídos, a partir da criação de formas mais justas de inserção dos indivíduos em uma sociedade que se pretende igualitária. Deste modo, o conceito de educação que durante muito tempo esteve prioritariamente voltado para os processos de ensino-aprendizagem, exclusivo das unidades escolares formais, se amplia. Transpõe os limites da escola se alargando para outras instituições culturais e para outros espaços como o da casa, o do trabalho, o do lazer, etc. Com isso um novo campo da educação se estrutura: o da educação não formal[4].

Observa-se que a educação, apoiada na escola, abre cada vez mais seu foco para outros espaços que possam atender a esse novo cenário. As atuais circunstâncias impõem o surgimento de estratégias diferentes. Hoje, vários ambientes contribuem para o mesmo fim educativo e têm como meta suprir a sociedade em suas carências de conhecimento. Não só os espaços mudaram, mas o tempo também. A rapidez nas mudanças cotidianas implica uma exigência: acompanhar os diversos e os novos saberes construídos em um tempo também diferente. A sociedade busca saciar-se por meio de formas mais amplas de conhecimento que permitem, considerando as necessidades individuais, o envolvimento com os vários campos das idéias em diferentes níveis. Desta forma, a relação entre a educação formal e a não formal vai se constituindo, gerando redes cotidianas de conhecimento (Gouvêa et al., 2001). Portanto, é

[4] Cabe sublinhar que os autores de língua inglesa usam o termo *informal education* para todo o tipo de educação que usualmente acontece nos meios de comunicação e em lugares como museus ou instituições culturais afins, bem como nos ambientes cotidianos do trabalho, do clube, da casa, etc. Já os de língua portuguesa subdividem a educação que ocorre fora da escola em dois subgrupos: educação não formal (museus ou instituições culturais afins) e educação informal (meios de comunicação, ambientes cotidianos do trabalho, do clube, da casa, etc.).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

vital compreender que efetivamente estamos frente a novos desafios. Em face deste contexto, Libâneo (2003) argumenta que

> a função social e política da escola continua sendo a de educação geral, mediante a qual crianças e jovens podem dominar os conhecimentos científicos, desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais, aprender a pensar, aprender a internalizar valores e atitudes, tudo em função da vida profissional, da cidadania, da vida cultural, tudo voltado para ajudar na melhoria das condições de vida e de trabalho e para a construção da sociedade democrática. (...) Mas, simultaneamente, precisam rever os processos, os métodos, as formas de educar, ensinar e aprender. Para que isto aconteça, é preciso que os professores compreendam que a escola não é mais a única agência de transmissão do saber. (...) Hoje, é fundamental perceber que a educação ocorre em muitos lugares: nos meios de comunicação, na família, no trabalho, na rua, nos pontos de encontro, nos clubes, nos sindicatos, nos movimentos sociais. As próprias cidades vão se transformando em agências educativas (Ibid., p.24-25).

As idéias desse autor corroboram o acima exposto sobre a necessária relação entre a educação formal e a não formal para gerar as redes cotidianas de conhecimento. Estas redes são tecidas e destecidas no contexto da diversidade histórica e cultural, o que é prioritário em um processo de cidadania (Elias, 1994). Todo o esforço de dar acesso ao conhecimento tem sua parcela de contribuição na direção de fazer com que os indivíduos se sintam parte de um meio mais amplo que o espaço comunitário, como também nele participar de forma ativa e criativa.

No âmbito desta pesquisa, esses pontos nortearam nosso interesse em conhecer ações, mobilizações, investimentos e trocas que ocorrem no contexto escolar para a promoção do acesso dos estudantes de 8ª série a museus ou instituições culturais afins. Além disto, conhecer os recursos educacionais/culturais disponíveis na escola e a relação dos profissionais (equipe pedagógica e direção) com a cultura, por meio de suas práticas culturais, tem relevância, pois trazem à tona dimensões da vida social cuja consideração pode ampliar a compreensão da educação e do papel destes profissionais na sociedade atual.

4.3
Estatística descritiva do padrão de acesso a museus

Vimos anteriormente que os estudos sociológicos que fazem análises sistemáticas das políticas culturais e das tendências gerais das práticas culturais dos indivíduos apresentam uma tipologia ou classificação das práticas culturais. Esta tipologia distingue dois grandes grupos: práticas culturais e práticas de lazer e entretenimento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Sabemos também que o objetivo principal desta pesquisa está relacionado à investigação do impacto de algumas características associadas ao jovem e a seu entorno, tanto familiar como escolar, nas chances de acesso a museus ou instituições culturais afins (expressões da cultura cultivada). Portanto, os conceitos associados ao tema *padrão de acesso* foram priorizados tanto no questionário do aluno como no do profissional envolvido com a organização de visita (professor e/ou coordenador pedagógico). Ao estudante foi pedido que nomeasse o museu ou espaço cultural afim que mais gostou, um outro além deste, e caso tivesse visitado mais um ou mais dois ou várias outros, o nome de cada um deles. Informações sobre período, número e contexto da visita (com quem visitou) estão associadas somente aos dois primeiros itens. Ao professor e/ou coordenador pedagógico foi apresentada uma relação com o nome de 18 museus ou instituições culturais afins situados no município do Rio de Janeiro e solicitado que informasse que locais a escola visitou, nos últimos 12 meses (2003), levando em conta todas as turmas que visitaram, não só as de 8ª série. Na seqüência, um outro item pedia que nomeassem outras instituições museológicas visitadas, não constantes da relação apresentada[5].

Cabe lembrar que, em primeira instância, consideramos como instituição cultural afim a museu, espaços como jardim botânico, reserva florestal, zoológico e planetário que já são contemplados pela definição de museu presente nos estatutos do Comitê Brasileiro do ICOM (Comitê Internacional de Museus). Além disto, ampliamos este entendimento para outros espaços culturais como, por exemplo, centro cultural, teatro municipal, biblioteca nacional, entre outros[6].

Pelo fato de a existência de uma tipologia das práticas culturais e de os alunos mencionarem que visitam jardim botânico e zoológico com a família, não somente com a escola – visita agendada com objetivos educacional-pedagógico e cultural –, decidimos por dividir os museus visitados em dois grupos: amplo e restrito. O amplo engloba os museus de qualquer temática, incluindo jardim botâ-

[5] Itens 32 a 49 e 50 do questionário do profissional envolvido com a organização de visita (Anexo II).
[6] As 120 instituições culturais mencionadas pelos alunos foram agrupadas de acordo com a temática, subcategorias dentro de cada temática e localização geográfica. Os quadros A2, A3, A4, A5 e A6 (Anexo VI) apresentam a relação destas instituições e sua respectiva classificação. É importante dizer que tanto alunos como professores e/ou coordenadores pedagógicos das escolas amostradas situadas em Guadalupe, Realengo, Bangu e Campo Grande, ao serem indagados sobre museus ou instituições culturais afins que visitaram, mencionaram, respectivamente, as lonas culturais *Terra*, *Gilberto Gil*, *Hermeto Pascoal* e *Elza Osborne*. Estes espaços, algumas vezes, organizam atividades de caráter educacional/cultural que acontecem no período diurno. Como estas unidades escolares levam seus alunos para participarem, inserimos as lonas culturais no quadro dos centros culturais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

nico e zoológico. O restrito engloba todos, com exceção destes dois últimos espaços. Optamos por esta divisão porque ela possibilita uma análise menos poluída (mais precisa) do acesso às instituições museológicas, visto que locais como jardim botânico e zoológico são atrativos e assumem, dependendo do contexto, um caráter de prática de lazer e entretenimento.

Os resultados em relação ao padrão de acesso serão apresentados a seguir. Primeiramente, com os dados oriundos do questionário do profissional envolvido com a organização de visita. O quadro 20, abaixo, apresenta a descrição das variáveis dependentes e explicativas selecionadas para a análise bivariada.

Quadro 20: Variáveis utilizadas na análise bivariada (questionário do profissional da escola)

Variável	Tipo de variável Codificação	Descrição
DEPENDENTES		
Número de museus visitados (qualquer temática amplo)	Contagem (mínimo=0 e máximo=17)	Número de museus visitados. Obtida a partir de resposta do questionário do profissional sobre os museus visitados pela escola, nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram.
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Contagem (mínimo=0 e máximo=15)	Idem
Número de museus visitados (Ciência e Tecnologia Amplo)	Contagem (mínimo=0 e máximo=7)	Idem
Número de museus visitados (Ciência e Tecnologia Restrito)	Contagem (mínimo=0 e máximo=5)	Idem
Número de museus visitados (Arte)	Contagem (mínimo=0 e máximo=3)	Idem
Número de museus visitados (Centro Cultural)	Contagem (mínimo=0 e máximo=3)	Idem
Número de museus visitados (História)	Contagem (mínimo=0 e máximo=5)	Idem

Continua na página seguinte

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Continuação do Quadro 20

Número de museus visitados (Militar)	Contagem (mínimo=0 e máximo=3)	Idem
EXPLICATIVAS		
Nível socioeconômico da escola*	Contínua	Nível socieconômico médio dos alunos da escola. Índice construído com base na metodologia do PISA. Fase 1: construção de três indicadores de posição socioeconômica e cultural (escolaridade familiar, posse de bens familiar e disponibilidade de recursos educacionais/culturais). Fase 2: os três indicadores foram padronizados e agregados, por análise fatorial, em um único índice (NSE do aluno). Fase 3: esse índice foi agregado por média à base escola e, em seguida, foi padronizado de forma a assumir média zero e desvio padrão 1.
Disponibilidade de recursos educacionais/culturais escolar*	Contínua	Obtida por TRI Não Paramétrica a partir de itens dicotômicos do questionário do profissional e do diretor ou representante.
Prática cultural dos profissionais da escola*	Contínua	Obtida por TRI Não Paramétrica a partir de itens ordinais do questionário do profissional e do diretor ou representante.

* Variável padronizada de forma a obter média zero e desvio padrão 1

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.3.1
As visitas e os museus freqüentados pelas escolas

Para as turmas do segundo segmento do ensino fundamental (5ª a 8ª série), a visita às instituições culturais ocorre, com mais freqüência, em 50% das escolas municipais e em 70% das particulares, *2 a 3 vezes por ano*. Os achados sobre a ida das escolas a museus, nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram estão apresentados em duas tabelas: a tabela A13 (Anexo VII) mostra a distribuição percentual das escolas segundo a temática dos museus e a rede de ensino e a tabela 13, subseqüente, a estatística descritiva (média, desvio padrão e amplitude)[7].

[7] A média é uma medida de tendência central, ou seja, um único número representa todos os dados coletados sobre uma variável. Como não é possível reconstruir os dados originais a partir da média, isto pode ser compensado pela informação sobre as medidas de dispersão: amplitude e desvio padrão. A primeira é a distância que separa o valor mais baixo do valor mais alto e a segunda está associada à maior ou menor concentração das observações em relação à média. Quanto maior o desvio padrão, mais dispersa em torno da média estão as observações (Babbie, 1999, p.343).

Tabela 13: Estatística descritiva da freqüência das escolas a museus nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram segundo a temática destes espaços, por rede de ensino

REDE	VARIÁVEIS DEPENDENTES								
		Qualquer temática_A	Qualquer temática_R	C&T_A	C&T_R	Arte	Centro Cultural	História	Militar
Municipal	Média	**6,00**	**5,04**	**2,76**	**1,92**	**1,16**	**1,40**	**1,04**	**,48**
	Desvio padrão	4,05	3,53	1,79	1,41	1,14	1,12	1,14	,51
	Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
	Máximo	17	15	6	5	3	3	5	1
Privada	Média	**6,27**	**5,64**	**3,45**	**2,32**	**,77**	**1,09**	**1,73**	**,36**
	Desvio padrão	4,12	3,77	2,22	1,58	,68	,87	1,55	,73
	Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
	Máximo	14	13	7	5	2	3	5	3

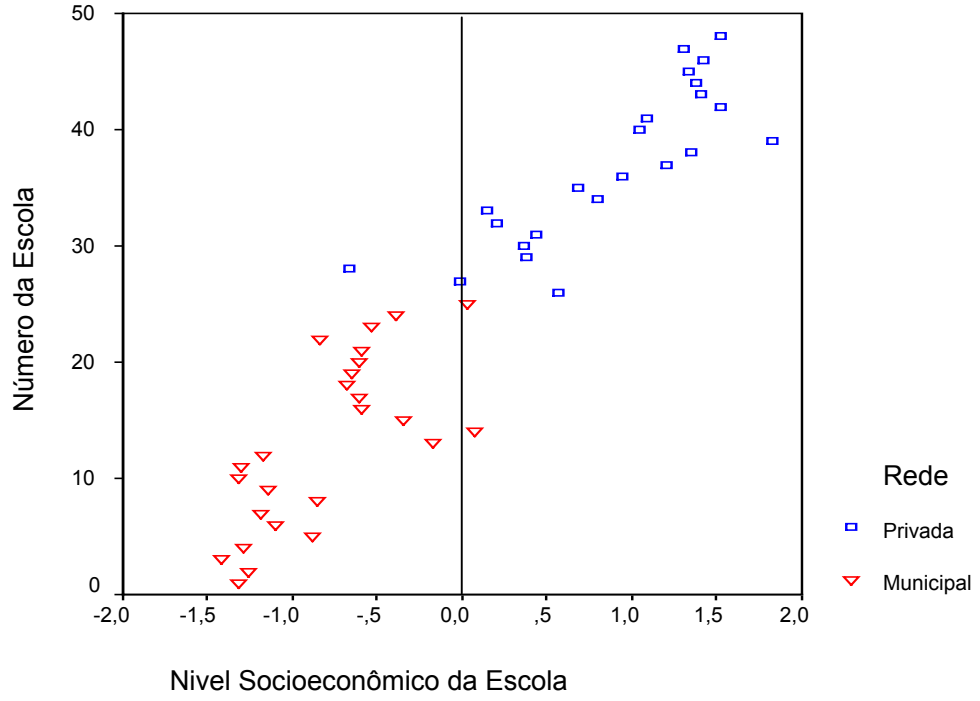
Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Considerando as variáveis, *número de museus visitados_qualquer temática amplo* e *restrito*, essa tabela mostra que o número médio de museus visitados pelas escolas municipais (6.00 e 5.04, respectivamente) e particulares (6.27 e 5.64, respectivamente) é bastante próximo. No entanto, existem oscilações mais acentuadas quando levamos em conta os tipos de museu.

O número médio de museus de ciência e tecnologia amplo e restrito visitados pelas escolas particulares (3.45 e 2.32, respectivamente) é maior do que o número médio das escolas municipais (2.76 e 1.92, respectivamente). O mesmo ocorre em relação aos museus de história: 1.73 e 1.04, respectivamente. É interessante notar que para os museus de arte, centros culturais e museus militares, a situação é diferente, ou seja, o número médio de instituições visitadas pela rede municipal (1.16, 1.40 e 0.48, respectivamente) é um pouco maior do que o número médio da rede privada (0.77, 1.09 e 0.36, respectivamente).

O passo seguinte foi examinar essa estatística descritiva do padrão de visita, introduzindo na análise a variável *nível socioeconômico da escola*. O gráfico 5, abaixo, mostra a distribuição da rede municipal e privada segundo o nível socioeconômico e o gráfico 6, subseqüente, apresenta a distribuição das escolas segundo o nível socioeconômico alto e baixo dentro de cada rede.

Gráfico 5: Distribuição das escolas das redes municipal e privada segundo o nível socioeconômico



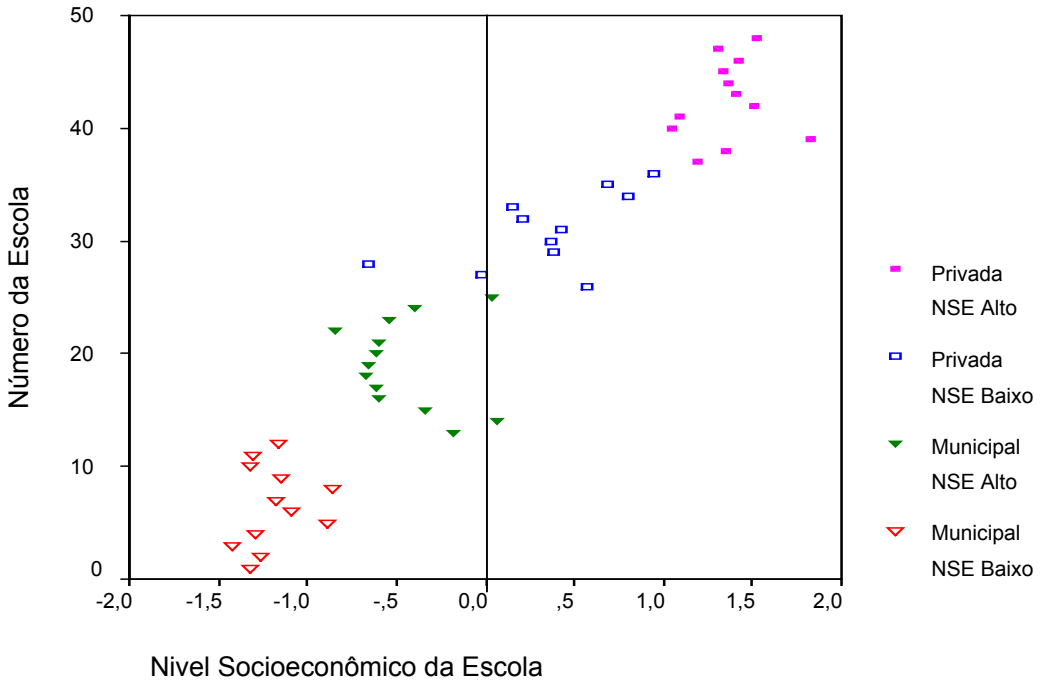
Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Esse gráfico evidencia a forte relação existente entre nível socioeconômico e dependência administrativa. Cabe lembrar que a variável *nível socioeconômico da escola* foi padronizada de forma a assumir média zero e desvio padrão um. A reta vertical foi inserida no gráfico para melhor visualização da média e a variável *número da escola* foi criada para facilitar a distribuição, impedindo a sobreposição dos pontos. Deste modo, aqueles que estão plotados à esquerda da reta representam as escolas de nível socioeconômico abaixo da média e os situados, à direita, as escolas de nível socioeconômico acima da média. Observamos que há uma concentração de escolas municipais abaixo da média. Em relação às escolas da rede privada, constatamos uma distribuição oposta, ou seja, a maioria apresenta nível socioeconômico alto (concentração acima da média). Percebemos um quantitativo reduzido próximo ao valor da média, mostrando a existência de escolas particulares com nível socioeconômico semelhante ao das escolas municipais, e um grupo menor ainda deste tipo de unidade escolar que possui nível socioeconômico baixo.

No gráfico 6 abaixo é possível verificar que dentro da rede municipal o valor do nível socioeconômico alto é menor do que o valor do nível socioeconômico baixo da maioria das escolas da rede privada.

Gráfico 6: Distribuição das escolas segundo o nível socioeconômico alto e baixo dentro de cada rede



Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Com base nessa distribuição, seguem os comentários sobre a estatística descritiva expressa na tabela 14. Nesta tabela fica evidenciado que o número médio de museus de qualquer temática amplo e restrito visitados pelas escolas municipais de NSE baixo (6.08 e 5.17, respectivamente) e de NSE alto (5.92 e 4.92, respectivamente) é bastante próximo. Já em relação às escolas particulares, observamos que o número médio das unidades de NSE baixo (3.73 e 3.27, respectivamente) é bem menor que o das de NSE alto (8.82 e 8.00, respectivamente). Chama a atenção o baixo valor do número médio de museus visitados pelas escolas particulares de NSE baixo, comparado à rede municipal.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

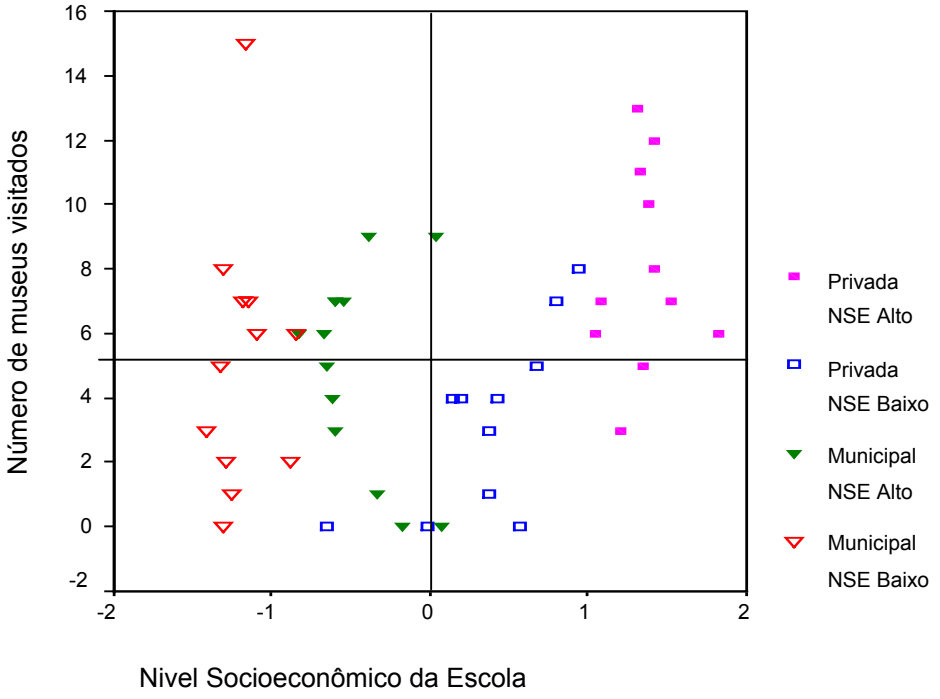
Tabela 14: Estatística descritiva da freqüência das escolas a museus nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram segundo temática destes espaços, por rede de ensino e nível socioeconômico

REDE	NSE		VARIÁVEIS DEPENDENTES							
			Qualquer temática_A	Qualquer temática_R	C&T_A	C&T_R	Arte	Centro Cultural	História	Militar
Municipal	Baixo	Média	**6,08**	**5,17**	**3,00**	**1,92**	**1,08**	**1,17**	**1,33**	**,58**
		Desvio padrão	4,48	4,06	1,65	1,44	1,16	1,03	1,37	,51
		Mínimo	1	0	0	0	0	0	0	0
		Máximo	17	15	6	5	3	3	5	1
	Alto	Média	**5,92**	**4,92**	**2,54**	**1,92**	**1,23**	**1,62**	**,77**	**,38**
		Desvio padrão	3,80	3,12	1,94	1,44	1,17	1,19	,83	,51
		Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
		Máximo	14	9	5	5	3	3	3	1
Privada	Baixo	Média	**3,73**	**3,27**	**2,09**	**1,27**	**,36**	**,64**	**1,00**	**,45**
		Desvio padrão	3,52	2,80	1,81	1,19	,50	,81	1,00	,93
		Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
		Máximo	11	8	5	3	1	2	3	3
	Alto	Média	**8,82**	**8,00**	**4,82**	**3,36**	**1,18**	**1,55**	**2,45**	**,27**
		Desvio padrão	2,99	3,13	1,72	1,21	,60	,68	1,69	,47
		Mínimo	5	3	1	1	0	1	0	0
		Máximo	14	13	7	5	2	3	5	1

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Esses resultados podem ser melhor visualizados no gráfico 7, abaixo, o qual ilustra a distribuição das escolas, considerando a variável *número de museus visitados_qualquer temática restrito* (não engloba jardim botânico e zoológico) e o nível socioeconômico dentro de cada rede de ensino.

Gráfico 7: Distribuição das escolas segundo o número de museus visitados e o nível socioeconômico dentro de cada rede



Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Podemos comprovar que embora o valor do nível socioeconômico na rede municipal (quadrante inferior esquerdo) seja menor do que o valor do nível socioeconômico baixo da maioria das escolas da rede privada (quadrante inferior direito), o número médio de museus visitados pelas escolas municipais de nível socioeconômico baixo (5.17, próximo da média = 5.42) e alto (4.92, muito pouco abaixo da média) é maior do que o número médio das escolas particulares de nível socioeconômico baixo (3.27, abaixo da média). Tem destaque o número médio de museus visitados pelas escolas particulares de nível socioeconômico alto: 8.00 (bem acima da média) (quadrante superior direito).

Existem oscilações quando levamos em conta os tipos de museu (tabela 14). O número médio de museus de C&T amplo visitados pelas escolas municipais de NSE baixo (3.00) é um pouco maior do que o número médio daquelas de NSE alto (2.54). No caso de os museus de C&T restrito, o número médio é igual (1,92). Em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

relação aos museus de história e militares ocorre algo parecido: o número médio das escolas municipais de NSE baixo (1.33 e 0.58, respectivamente) é um pouco maior do que o das de NSE alto (0.77 e 0.38, respectivamente). É interessante notar que para os museus de arte e centros culturais, a situação é diferente, ou seja, o número médio de instituições visitadas pelas escolas municipais de NSE alto (1.23 e 1.62, respectivamente) é um pouco maior do que o número médio das de NSE baixo (1.08 e 1.17, respectivamente). Em síntese, observando exclusivamente esta rede, fica evidente que a prática de visita a museus ou instituições culturais afins ocorre tanto nas unidades escolares de NSE baixo como nas de NSE alto. Os alunos pertencentes a ambas têm acesso garantido a este tipo de espaço cultural.

Existem diferenças a assinalar na rede privada. O número médio de museus de ciência e tecnologia amplo e restrito visitados pelas escolas particulares de NSE alto (4.82 e 3.36, respectivamente) é bem maior do que o número médio das escolas de NSE baixo (2.09 e 1.27, respectivamente). O mesmo ocorre para os museus de arte (1.18 *versus* 0.36), centros culturais (1.55 *versus* 0.64) e os museus de história (2.45 *versus* 1.00). Chama a atenção o caso dos museus militares. É o único em que o número médio das escolas de NSE baixo (0.45) é um pouco maior do que o das de NSE alto (0.27). Com base nesta estatística, é possível perceber que a prática de visita a museus ou instituições culturais afins na rede privada de ensino assume traços distintos. O acesso, bem como o número de museus visitados para os alunos pertencentes às escolas de NSE baixo é menor.

Quando cotejamos o número médio de museus visitados pelas escolas municipais de NSE baixo com o das escolas particulares de NSE baixo, notamos que para as primeiras o valor é sempre maior: museus de ciência e tecnologia amplo e restrito (3.00 e 1.92, respectivamente *versus* 2.09 e 1.27, respectivamente); museus de arte (1.08 *versus* 0.36); centros culturais (1.17 *versus* 0.64); museus de história (1.33 *versus* 1.00) e museus militares (0.58 *versus* 0.45). Ao comparar o número médio de instituições culturais visitadas pelas escolas municipais de NSE alto com o das escolas particulares de NSE alto, verificamos que para as últimas o valor é maior para os museus de ciência e tecnologia amplo e restrito (4.82 e 3.36, respectivamente *versus* 2.54 e 1.92, respectivamente) e para os de história (2.45 *versus* 0.77). Ocorrem discretas alterações, ou seja, o número médio das escolas municipais de NSE alto passa a ser um pouco maior do que o das escolas particu-

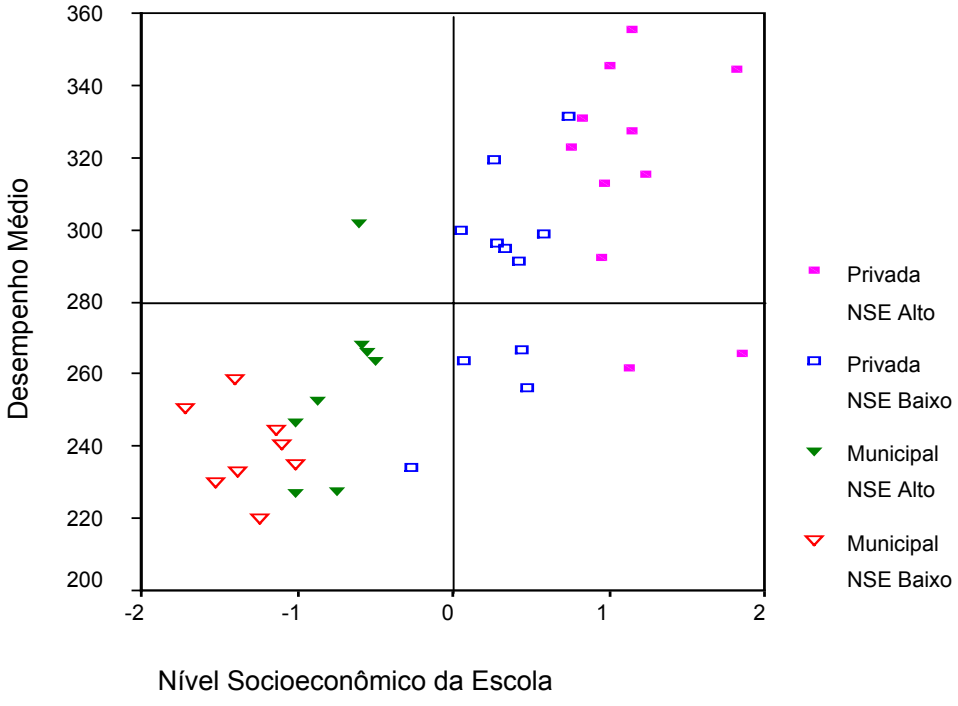
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

lares de NSE alto no caso de os museus de arte (1.23 *versus* 1.18); centros culturais (1.62 *versus* 1.55) e museus militares (0.38 *versus* 0.27).

Finalmente, no que diz respeito à prática de visita a museus ou instituições culturais afins, podemos concluir que as escolas municipais têm um papel equalizador, ou em outras palavras, promovem eqüidade. Vimos que na rede municipal, embora o valor do nível socioeconômico alto seja menor do que o valor do nível socioeconômico baixo da maioria das escolas da rede privada, o número médio de instituições museológicas visitadas pelas escolas municipais, com nível socioeconômico baixo ou alto, é maior do que o número médio das escolas particulares de nível socioeconômico baixo. Portanto, no que se refere a acesso a museus, não pesa tanto para os alunos pertencer à rede municipal. A situação é bem diferente quando deslocamos o foco para o desempenho escolar.

O gráfico 8 foi construído com base nos dados relativos ao desempenho médio em matemática dos alunos da 8ª série do ensino fundamental, pertencentes às escolas municipais e particulares do município do Rio de Janeiro que participaram do SAEB 2001.

Gráfico 8: Distribuição das escolas segundo o desempenho médio em matemática e o nível socioeconômico alto e baixo dentro de cada rede



Fonte: SAEB 2001

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Nesse gráfico é possível visualizar a distribuição das escolas segundo o desempenho médio em matemática e o nível socioeconômico alto e baixo dentro de cada rede. Os pontos plotados à esquerda da reta representam as escolas de nível socioeconômico abaixo da média (rede municipal) e aqueles situados à direita as escolas de nível socioeconômico acima da média (rede privada). Sabemos que dentro da rede municipal, o valor do nível socioeconômico alto é menor do que o valor do nível socioeconômico baixo das escolas da rede privada.

No que se refere ao desempenho em matemática, podemos verificar que o valor do desempenho médio das escolas municipais de NSE baixo (239) e de NSE alto (257) está abaixo da média (280) e é menor do que o das escolas particulares de NSE baixo (287) e de NSE alto (316), ambas acima da média. Neste caso, ao contrário do que observamos em relação à promoção do acesso a museus, é mais vantajoso para os alunos estudar em escolas da rede privada de nível socioeconômico baixo do que pertencer à rede municipal.

Outro aspecto interessante a observar é a introdução, na análise, da variável *tipologia das escolas*. Ao examinarmos a tabela 15, subseqüente, salta aos olhos o baixo valor do número médio de museus visitados pelas *escolas particulares isoladas com uma unidade*, considerando qualquer temática amplo e restrito, (4.11 e 3.89, respectivamente), em comparação com o número médio das *escolas particulares isoladas com duas unidades* (10.00 e 7.50, respectivamente); dos *empreendimentos pedagógicos* (8.00 e 8.00, respectivamente); das *empresas educacionais* (7.60 e 7.20, respectivamente); dos *empreendimentos institucionais* (6.70 e 5.50, respectivamente) e das *escolas municipais* (6.00 e 5.04, respectivamente).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Tabela 15: Estatística descritiva da freqüência das escolas a museus nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram segundo a temática destes espaços, por tipologia das escolas

TIPOLOGIA ESCOLAS	VARIÁVEIS DEPENDENTES								
		Qualquer temática_A	Qualquer temática_R	C&T_A	C&T_R	Arte	Centro Cultural	História	Militar
Municipal	Média	**6,00**	**5,04**	**2,76**	**1,92**	**1,16**	**1,40**	**1,04**	**,48**
	Desvio padrão	4,05	3,53	1,79	1,41	1,14	1,12	1,14	,51
	Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
	Máximo	17	15	6	5	3	3	5	1
Empreendimento Institucional	Média	**6,75**	**5,50**	**2,75**	**2,25**	**,75**	**1,25**	**1,75**	**,75**
	Desvio padrão	5,31	4,93	3,10	2,22	,50	,96	1,71	1,50
	Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
	Máximo	11	11	7	5	1	2	4	3
Empresa Educacional	Média	**7,60**	**7,20**	**4,80**	**3,00**	**1,40**	**1,20**	**1,60**	**,40**
	Desvio padrão	2,61	2,86	,45	,71	,55	,84	1,34	,55
	Mínimo	5	5	4	2	1	0	0	0
	Máximo	12	12	5	4	2	2	3	1
Empreendimento Pedagógico	Média	**8,00**	**8,00**	**5,50**	**4,00**	**,50**	**1,50**	**1,50**	**,50**
	Desvio padrão	2,83	2,83	,71	,00	,71	,71	,71	,71
	Mínimo	6	6	5	4	0	1	1	0
	Máximo	10	10	6	4	1	2	2	1
Particular Isolada 1 unidade	Média	**4,11**	**3,89**	**2,33**	**1,44**	**,44**	**,67**	**1,44**	**,11**
	Desvio padrão	4,34	3,98	2,24	1,59	,73	,71	1,67	,33
	Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
	Máximo	14	13	7	5	2	2	5	1
Particular Isolada 2 unidades	Média	**10,00**	**7,50**	**4,50**	**3,00**	**1,00**	**2,00**	**3,50**	**,50**
	Desvio padrão	,00	,71	,71	,00	,00	1,41	2,12	,71
	Mínimo	10	7	4	3	1	1	2	0
	Máximo	10	8	5	3	1	3	5	1

Quando levamos em conta as distintas temáticas dos museus, esse quadro das *escolas particulares isoladas com 1 unidade* se mantém: o número médio de museus visitados é sempre menor que o número médio dos demais tipos de escola considerados, com exceção dos museus de história (1.44 *versus* 1.04 das escolas municipais). Observando os museus de ciência e tecnologia amplo e restrito, vale a pena destacar o número médio de instituições visitadas pelos *empreendimentos pedagógicos* (5.50 e 4.00, respectivamente) que é um pouco maior do que o número médio das *empresas educacionais* (4.80 e 3.00, respectivamente), seguidos pelas escolas particulares isoladas com duas unidades (4.50 e 3.00, respectivamente).

Chama a atenção o caso das *escolas municipais* em relação aos museus de arte. Desde análises anteriores, o padrão de visita vem se mantendo, ou seja, o número médio de instituições visitadas (1.16) é sempre um pouco maior do que o número médio dos demais tipos de escola: *escolas particulares isoladas com duas unidades* (1.00), *escolas confessionais* (0.75), *empreendimentos pedagógicos* (0.50) e *escolas particulares isoladas com uma unidade* (0.44). Só não suplantam o número médio das *empresas educacionais* (1.40).

Em relação aos centros culturais ocorre algo semelhante. As *escolas municipais* têm número médio de instituições visitadas (1.40) acima do número médio das *escolas confessionais* (1.25), *empresas educacionais* (1.20) e *escolas particulares isoladas com uma unidade* (0.67). Todavia, *escolas particulares isoladas com duas unidades* e *empreendimentos pedagógicos* apresentam os maiores valores para o número médio de centros culturais visitados (2.00 e 1.50, respectivamente).

Por outro lado, o número médio de museus de história visitado pelas *escolas municipais* é o mais baixo (1.04). As *escolas particulares isoladas com duas unidades* (3.50) se destacam em relação às *escolas confessionais* (1.75), às *empresas educacionais* (1.60), aos *empreendimentos pedagógicos* (1.50) e às *escolas particulares isoladas com uma unidade* (1.44).

Os *empreendimentos institucionais* ou *escolas confessionais* são as que apresentam o maior número médio de museus militares visitados (0.75), seguidos de perto pelos *empreendimentos pedagógicos*, *escolas particulares isoladas com duas unidades* (0.50), *escolas municipais* (0.48) e *empresas educacionais* (0.40). O menor número médio é o das *escolas particulares isoladas com uma unidade* (0.11).

Com base nessa análise, podemos depreender que em relação ao padrão de visita a museus ou instituições culturais afins, as conclusões anteriores se confirmam,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

ou seja, os alunos pertencentes às diferentes escolas da tipologia adotada visitam estes espaços culturais, embora para uns a promoção do acesso e o número de museus visitados seja maior do que para outros.

4.3.2
As visitas e os museus freqüentados pelos alunos

O conjunto de questões que solicitava o nome das instituições museológicas visitadas e os aspectos que dizem respeito à visita como período, número e contexto (com quem visitou) ocuparam lugar de destaque no questionário: a primeira página, pela importância, interesse e grau de dificuldade. Abria este instrumento uma questão que indagava se o estudante havia visitado, em algum momento de sua vida, museus ou instituições culturais afins. O resultado encontrado, por rede de ensino, foi surpreendente: 97% dos alunos da rede privada e 90% dos da rede municipal responderam afirmativamente.

Após essa indagação, seguia um encadeamento de questões cujo propósito foi o de verificar se o aluno lembrava o nome dos locais visitados ou algo relacionado a eles[8]. Foi solicitado que nomeasse o museu que mais gostou, um outro além deste, e por fim, caso tivesse visitado mais um ou mais dois ou vários outros, o nome de cada uma deles. Deste modo, na primeira página do questionário foi possível obter a nomeação de oito museus ou instituições culturais afins visitados. Cabe lembrar que não foram consideradas as referências do tipo bienal do livro, parques, praças e pontos turísticos, assim como designações vagas do tipo feira cultural, exposições de quadros, etc.

A relação entre dependência administrativa (rede municipal e privada) e número de museus visitados pelos alunos ao longo da vida, considerando as distintas temáticas destas instituições, será apresentada e discutida nas subseções seguintes. O quadro 21, subseqüente, apresenta a descrição das variáveis dependentes e da explicativa utilizadas na análise bivariada.

[8] Cabe mencionar que vários alunos optaram por escrever o nome de exposições que viram, como por exemplo: exposição Rodin, exposição Monet, exposição Brasil 500 anos, exposição Egito, exposição África, exposição Portinari, exposição Pablo Picasso, exposição Keith Haring, entre outras. Nestes casos, foi verificado o museu ou o centro cultural nos quais foram montadas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Quadro 21: Variáveis utilizadas na análise bivariada (questionário do aluno)

Variável	Tipo de variável Codificação	Descrição
DEPENDENTES		
Número de museus visitados (qualquer temática amplo)	Contagem (mínimo=0 e máximo=8)	Número de museus visitados. Obtida a partir de resposta do questionário do aluno sobre os museus visitados ao longo da vida.
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Contagem (mínimo=0 e máximo=8)	Idem
Número de museus visitados (Ciência e Tecnologia Amplo)	Contagem (mínimo=0 e máximo=6)	Idem
Número de museus visitados (Ciência e Tecnologia Restrito)	Contagem (mínimo=0 e máximo=4)	Idem
Número de museus visitados (Arte)	Contagem (mínimo=0 e máximo=5)	Idem
Número de museus visitados (Centro Cultural)	Contagem (mínimo=0 e máximo=4)	Idem
Número de museus visitados (História)	Contagem (mínimo=0 e máximo=5)	Idem
Número de museus visitados (Militar)	Contagem (mínimo=0 e máximo=3)	Idem
Número de museus visitados (Município do Rio de Janeiro)	Contagem (mínimo=0 e máximo=8)	Idem
Número de museus visitados (Fora do município do Rio de Janeiro)	Contagem (mínimo=0 e máximo=5)	Idem
Número de museus visitados (Exterior)	Contagem (mínimo=0 e máximo=6)	Idem
Freqüência de visita a museus nos últimos 12 meses/2003 (qualquer temática amplo)	Ordinal (0= não visitou; 1= visitou 1 a 2 vezes; 2= visitou 3 a 4 vezes e 3= visitou mais de 4 vezes)	Freqüência de visita a museus nos últimos 12 meses (2003). Obtida a partir de resposta do questionário do aluno.
Freqüência de visita a museus nos últimos 12 meses/2003 (qualquer temática restrito)	Ordinal (0= não visitou; 1= visitou 1 a 2 vezes; 2= visitou 3 a 4 vezes e 3= visitou mais de 4 vezes)	Idem
EXPLICATIVA		
Dependência administrativa	Categórica	Municipal e Particular.

Na tabela 16 a seguir podemos observar que, no que diz respeito à variável *número de museus visitados_qualquer temática amplo* (engloba zoológico e jardim botânico), 5% dos alunos da rede privada e 15% dos da rede municipal não foram a estes locais. Percebe-se que há uma diferença no percentual de não-visita em rela-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

ção à questão que abria o questionário (3% e 10%, respectivamente). Isto ocorre porque os alunos que escreveram o nome de instituições culturais não aceitáveis tiveram suas respostas invalidadas. Considerando a variável *número de museus visitados_qualquer temática restrito* (não engloba zoológico e jardim botânico), o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram (15%) continua menor do que o das escolas municipais (31%).

Tabela 16: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (qualquer temática_A)	Não visitou	5	15
	Visitou 1	13	23
	Visitou 2	22	29
	Visitou 3	17	15
	Visitou 4	16	9
	Visitou 5	13	5
	Visitou 6	9	3
	Visitou 7	3	1
	Visitou 8	2	-
Total		100	100
Número de museus visitados (qualquer temática_R)	Não visitou	15	31
	Visitou 1	25	32
	Visitou 2	22	20
	Visitou 3	15	9
	Visitou 4	12	5
	Visitou 5	7	2
	Visitou 6	3	1
	Visitou 7	1	-
	Visitou 8	-	-
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Podemos constatar ainda, com base nessa tabela, que os alunos da rede privada visitaram uma quantidade maior de museus, comparados com os da rede municipal. O número médio de museus visitados (qualquer temática amplo) pelos estudantes das unidades particulares é de 3.27 (mínimo=0 e máximo=8) *versus* 2.09 dos pertencentes às unidades municipais (mínimo=0 e máximo=8). Este número médio continua maior para a variável *número de museus visitados_qualquer temática restrito*: 2.23 (mínimo=0 e máximo=8) *versus* 1.35 (mínimo=0 e máximo=7), respectivamente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Estatísticas descritivas anteriores mostraram que o número médio de museus visitados (qualquer temática amplo e restrito) pelas unidades da rede municipal (6.00 e 5.04, respectivamente), comparado com o das unidades da rede privada (6.27 e 5.64, respectivamente) é bastante próximo. Considerando a dependência administrativa e o nível socioeconômico, vimos que o número médio de museus visitados (qualquer temática amplo e restrito) pelas escolas municipais de NSE baixo (6.08 e 5.17, respectivamente) e de NSE alto (5.92 e 4.92, respectivamente) também é bastante próximo. Já em relação às escolas particulares, vimos que o número médio das de NSE baixo (3.73 e 3.27, respectivamente) é bem menor que o das de NSE alto (8.82 e 8.00, respectivamente).

Podemos constatar, então, que o valor do número médio de museus visitados pelas escolas municipais e particulares e o valor do número médio de instituições visitadas pelos alunos pertencentes a estas unidades escolares são diferentes. Estas diferenças serão melhor compreendidas adiante, quando analisarmos os dados relativos ao contexto da visita (com quem visitou).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.3.3
Museus ou instituições culturais afins de temática científica visitados

Os museus de ciência e tecnologia amplo e restrito foram os mais visitados pelos alunos, comparados às instituições de outras temáticas (78% e 40%, respectivamente, visitaram museu deste tipo *versus* 37% para os de história; 28% para os de arte; 23% para os centros culturais e 18% para os militares)[9]. Também foram os mais visitados pelas unidades escolares municipais e particulares, nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram.

Os resultados da relação entre o número de museus de ciência e tecnologia visitados e a rede de ensino estão expressos na tabela 17, subseqüente. Nela podemos observar que, no que diz respeito à variável *número de museus visitados_C&T amplo*, 18% dos alunos da rede privada e 28% dos da rede municipal não foram a estes locais. Considerando a variável *número de museus visitados_C&T restrito*, o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram (58%) continua menor do que o das escolas municipais (62%).

[9] A tabela A14 mostra a distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus visitados ao longo da vida e a temática destes espaços (Anexo VII).

Tabela 17: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus de ciência e tecnologia visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (Ciência & Tecnologia _A)	Não visitou	18	28
	Visitou 1	32	37
	Visitou 2	32	26
	Visitou 3	14	7
	Visitou 4	3	2
	Visitou 5	1	-
Total		100	100
Número de museus visitados (Ciência & Tecnologia _R)	Não visitou	58	62
	Visitou 1	34	30
	Visitou 2	7	7
	Visitou 3	1	1
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Ainda com base nessa tabela, é possível verificar que os alunos da rede privada visitaram uma quantidade maior de museus, comparados com os da rede municipal. O número médio de museus de *C&T_amplo* visitados pelos estudantes das unidades particulares é de 1.55 (mínimo=0 e máximo=5) *versus* 1.20 dos pertencentes às unidades municipais (mínimo=0 e máximo=6). Este número médio continua apresentando uma diferença muito pequena para a variável *número de museus visitados_C&T restrito*: 0.52 (mínimo=0 e máximo=4) *versus* 0.46 (mínimo=0 e máximo=4), respectivamente.

As instituições culturais de caráter científico que os estudantes citaram foram agrupados em subcategorias temáticas: museu de ciência (ciência e tecnologia; ciência da vida), zoológico, museu marítimo (museu oceanográfico e aquário), jardim botânico, museu de história natural e planetário compõem este grupo[10].

A tabela18, subseqüente mostra que os zoológicos foram os espaços de ciência mais requisitados (55%), seguidos pelos museus de história natural (46%) e jardins botânicos (35%). Sabemos com base na literatura específica que estas três instituições atraem fortemente não só o público em geral, mas o público escolar (professores e estudantes). Os percentuais dos alunos que visitaram planetários (16%) e museus de ciência (13%) são relativamente baixos. No caso de os museus

[10] Para saber quais foram os museus mencionados pelos alunos, consulte o quadro A2 (Anexo VI).

marítimos, o declínio é considerável (1%). Estes achados nos permitem fazer algumas ponderações sobre o fato de os museus de temática científica serem os mais visitados pelos alunos e dentre eles, os zoológicos, os museus de história natural e os jardins botânicos.

Tabela 18: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus visitados ao longo da vida e as subcategorias temáticas dos museus de caráter científico (%)

Número de museus visitados	Subcategorias temáticas dos museus de caráter científico					
	Zoológico	História Natural	Jardim Botânico	Planetário	Ciência	Marítimo
Não visitou	45	54	65	84	87	99
Visitou 1	54	39	33	16	12	1
Visitou 2	1	7	2	-	1	-
	100	100	100	100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Com o avanço das novas tecnologias e da ciência propriamente dita, os museus de caráter científico, compreendidos como espaços não formais de educação, vêm buscando destaque na elaboração das políticas nacionais de ensino e de divulgação. Têm também se constituído em um centro de referência devido às ações de cunho educacional/cultural e, principalmente, às pesquisas desenvolvidas na área de educação não formal em ciências, uma vez que refletem sobre a fundamentação da educação científica da sociedade como um todo e aprofundam o estudo do alfabetismo científico do indivíduo.

A educação não formal em ciências ganhou espaço no Brasil nos últimos 20 anos à medida que essas instituições se transformaram, de depositários passivos de objetos ou expositores de produtos e descobertas cientificas, em espaços mais dinâmicos, primordiais na construção e expressão da cultura e da pesquisa em desenvolvimento. Cabe lembrar que no transcorrer da década de 1990, os museus de temática científica tiveram um crescimento quantitativo considerável[11].

Esses espaços de ciência são vistos, na atualidade, como locais propícios para o atendimento de novas demandas educativas e sociais, por sua versatilidade, seu caráter amplo e sua multidisciplinaridade estrutural e funcional. De modo geral, contam, nos seus quadros profissionais, com a participação de cientistas, pesquisa-

[11] Existem, no território nacional, 50 instituições destinadas à divulgação científica de acordo com a segunda edição do *Catálogo de Centros de Divulgação Científica* (Casa da Ciência/UFRJ, 1999).

dores em ensino de ciências, em história da ciência, professores das áreas das ciências naturais (física, química, biologia, matemática, astronomia, etc), conservadores com formação museológica, especialistas na área de arquivos/acervos documentais, arquitetos, programadores visual e pessoal da área de informação e comunicação, o que promove às suas equipes de trabalho uma configuração bastante variada.

Por constituírem espaços para a experimentação de difusão científica e por abordarem com mais leveza (por meio de exposições interativas ou não) até mesmo os conteúdos essencialmente formais, professores e outros profissionais, não só os da área de ensino de ciências, passaram a ver nos museus de temática científica, condições para que funcionem como um suplemento ao ensino promovido nas escolas[12]. As diversas interações que ocorrem entre público escolar (professores e estudantes) e exposições aumentam a curiosidade e estimula o comportamento investigativo, o que pode vir a ser uma base de idéias e de atividades para a sala de aula.

A sociedade moderna entende que a educação é um processo que não acontece somente no espaço da escola, além de não se limitar ao período de formação escolar. Neste contexto, os museus de temática científica vêm enfrentando um triplo desafio: funcionar como instituições de educação não formal, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida; funcionar como instância de sensibilização para os temas científicos e contribuir para o desenvolvimento profissional de professores, pois estes, mais do que todos, não podem prescindir de educação continuada em ciências.

Como vimos anteriormente, os zoológicos foram os espaços de ciência mais visitados pelos alunos (55%). Sob o ponto de vista social, Auricchio (1999) argumenta que o público que freqüenta zoológico é bastante heterogêneo, além de possuir distintos níveis de cultura e de consciência ecológica. Mas um fato é abrangente: a maioria dessas pessoas vive em áreas urbanas e tem pouco contato com a natureza.

[12] O MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins), situado na cidade do Rio de Janeiro, desenvolveu, em 1996, um estudo que buscou investigar a relação museu-escola. Os resultados desta pesquisa mostraram que os professores consideravam a visita extremamente proveitosa por razões distintas como *complementar à escola, contribuindo para uma melhor sedimentação dos conteúdos trabalhados*; *motiva os estudantes para posterior abordagem de diferentes conteúdos programáticos*; *compensa a carência de recursos didáticos e laboratoriais da escola*. Os resultados demonstraram, ainda, que em nenhum momento o museu foi visto como um espaço de ampliação da cultura, particularmente da cultura científica (Cazelli et al., 1997).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

São instituições muito procuradas pelas escolas, visto que com o advento da educação ambiental, alguns zoológicos[13] começaram a elaborar programas baseados nos conteúdos curriculares. O intuito é atender de forma mais eficiente às unidades escolares. De modo geral, organizam visitas orientadas que incluem preparação prévia dos professores. Neste tipo de atividade é explicado que uma visita ao zoológico requer uma observação atenta. São oferecidas algumas estratégias para melhorar as habilidades para observar os animais. Além disso, existem as visitas monitoradas em trilhas de interpretação ambiental, oficinas de arte e ecologia e cursos de capacitação para os profissionais das escolas. Os temas abordados nestes programas têm caráter interdisciplinar, mas os que fazem referência à zoologia, ao comportamento, à ecologia e à evolução são o mais freqüentes.

Depois dos zoológicos, os museus de história natural foram os espaços de ciência mais freqüentados pelos alunos (46%). Cabe abrir um parêntese para comentar que a origem dos museus de história natural remonta aos *gabinetes de curiosidade* (século XVI). Sua criação assinala a saída das coleções do domínio privado[14] e a entrada da universidade em um período de renovação das práticas naturalistas. Portanto, o papel educacional e o caráter público caracterizam estas instituições desde sua estruturação (Lopes, 2003). Suas exposições estão centradas em coleções de relevância científica e apresentam, de forma exaustiva, numerosos espécimes. Em geral, têm um caráter enciclopedista, contando com a contribuição de diferentes áreas das ciências. Possuem um rico acervo da história científica e cultural, com coleções de paleontologia, cultura indígena e popular, arqueologia, mineralogia, zoologia e botânica.

Nos museus de história natural, a relação com o público, ainda hoje, se estabelece de duas formas: com o público geral, predominantemente leigo, procura mostrar os extratos do mundo natural, animal, vegetal e mineral. Já com o público

[13] Segundo Auricchio (1999), os zoológicos e suas funções evoluíram com o passar dos tempos. Até o século XIX o tema central em um zoológico tinha caráter taxonômico, com a função de divulgar a diversidade das espécies e suas adaptações. Na segunda metade do século XX, este caráter deu lugar ao ecológico, com ênfase na biologia do comportamento e nos diferentes tipos de *habitats*. A tendência é que estes locais se transformem, no transcorrer deste século, em centros de pesquisa, com temática central voltada para o meio ambiente.

[14] As coleções dos gabinetes de curiosidade eram alojadas em salas de castelos e palácios e só eram visitadas por convidados dos colecionadores, entre eles estudiosos, nobres e religiosos. Assim, a coleção não era pensada para ser vista por muitas pessoas, mas apenas por uma seleta camada da elite medieval e renascentista européia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

de especialistas, oferece a oportunidade de elaborar e de verificar por meio da pesquisa as teorias sobre a ordem da natureza e sua evolução.

É interessante ressaltar que essas instituições vêm sofrendo, ao longo do tempo, modificações, com o intuito de se revigorarem. A partir das décadas de 1970 e 1980, o foco das novas exposições muda de uma organização taxionômica – objetos classificados e expostos de forma repetitiva – para uma exploração de fenômenos e conceitos científicos, muitas vezes, com a introdução de aparatos interativos, quebrando com a forma autoritária de expor e com a passividade dos visitantes. Além disto, alguns museus de história natural passaram a aprimorar suas visitas orientadas, principalmente para o público escolar: propor atividades que pudessem estabelecer uma relação com as temáticas de suas exposições sobre e a organizar cursos de formação continuada para professores com o intuito de ajudá-los a refletir sobre a função social e cultural do conhecimento científico. Estas iniciativas encontram ressonância nos setores educacionais que utilizam estes espaços como centros de educação em ciências.

Dentre os museus de temática científica, os jardins botânicos ocuparam a terceira posição na preferência dos alunos (35%). Estes espaços de ciência, normalmente situados em grandes áreas, concentram um patrimônio natural formado por centenas de espécies da flora brasileira. Da mesma forma que os zoológicos, buscam promover, para o enorme público que os freqüentam, um encontro com a natureza, a educação e a cultura.

Para o público escolar, os jardins botânicos normalmente utilizam seus próprios recursos naturais para estimular a discussão de temas ambientais e a vivência de práticas educativas. O principal intuito é fazer com que professores e alunos se sensibilizem diante do ambiente que os cerca, valorizando a relação com a natureza. Buscam promover situações que despertem uma reflexão crítica diante das questões ambientais, propiciando um conhecimento histórico e técnico-científico destas instituições, além de facilitar a tradução e a internalização de uma prática conservacionista.

Para fechar essas considerações associadas aos museus ou instituições culturais afins de temática científica, o quadro A7 (Anexo VI) apresenta a relação das dez instituições mais visitadas pelos alunos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.3.4
Museus ou instituições culturais afins de temática histórica visitados

Depois dos museus de temática científica, os museus de história foram os mais visitados pelos alunos. Os resultados da relação entre o número de museus de caráter histórico visitados e a rede de ensino estão expressos na tabela 19, abaixo.

Tabela 19: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus de caráter histórico visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (História)	Não visitou	54	76
	Visitou 1	31	18
	Visitou 2	10	5
	Visitou 3	4	1
	Visitou 4	1	-
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Podemos observar que, no que diz respeito à variável *número de museus visitados_ história*, 54% dos alunos da rede privada e 76% dos da rede municipal não foram a estes locais. Ainda com base nessa tabela, é possível verificar que os alunos da rede privada visitaram uma quantidade maior de museus, comparados com os da rede municipal. O número médio de museus visitados pelos estudantes das unidades particulares é de 0.68 (mínimo=0 e máximo=5) *versus* 0.31 dos pertencentes às unidades municipais (mínimo=0 e máximo=4).

Adotamos para os museus de caráter histórico o mesmo procedimento utilizado para os museus de temática científica, ou seja, agrupamos as instituições citadas pelos alunos por subcategorias temáticas: museu de história, biográfico (museu-casa), etnográfico e museu de cidade[15]. A tabela 20, subseqüente, mostra que os museus de história foram os mais visitados pelos alunos (32%). O percentual de estudantes que mencionaram um museu biográfico (7%), assim como um museu etnográfico (4%) é muito pequeno. Menor ainda é o percentual para os museus de cidade: 1% visitou este tipo de museu histórico.

[15] Para saber quais foram os museus mencionados pelos alunos, consulte o quadro A3 (Anexo VI).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Tabela 20: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus visitados ao longo da vida e as subcategorias temáticas dos museus de caráter histórico (%)

Número de museus visitados	Subcategorias temáticas dos museus de caráter histórico			
	História	Biográfico	Etnográfico	Cidade
Não visitou	68	93	96	99
Visitou 1	25	7	4	1
Visitou 2	6	-	-	-
Visitou 3	1	-	-	-
	100	100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Com relação a esses resultados, podemos tecer alguns comentários. Da mesma forma que os museus de temática científica, os de caráter histórico também são considerados como espaços não formais de educação em história, uma vez que o fato de os professores levarem seus alunos a estas instituições museológicas para complementar as atividades realizadas em sala de aula é, há muito tempo, conhecido. Os museus de temática histórica que se prestam a esta complementação têm potencial para apresentar uma discussão da história a partir de objetos da cultura material (Almeida e Vasconcelos, 2002).

Para professores e estudantes, essas instituições (principalmente os museus históricos, biográficos e etnográficos) oferecem cursos, visitas monitoradas, oficinas, materiais didáticos para empréstimo, conferência, estágios de formação, entre outros. Em alguns, a ênfase é dada ao trabalho com o professor, a fim de que se possa construir com ele uma atividade para seus alunos, por meio de a preparação de visita monitorada às exposições, cursos e material de apoio.

Nos museus etnográficos (coleções etnográficas brasileiras, africanas e afro-brasileiras), os roteiros de visita monitorada possibilitam a discussão de vários pontos do currículo de história, tanto do ensino fundamental como médio. Em um outro tipo de roteiro podem ser discutidas as fontes para o historiador: documentos materiais e suas relações com os documentos escritos, orais e iconográficos para o estudo de diferentes sociedades. As possibilidades de trabalho são inúmeras e dependem do interesse dos professores e alunos e da disponibilidade para leituras e visitas prévias para a preparação da visita propriamente dita (Ibid., 2002).

Para fechar essas considerações associadas aos museus ou instituições culturais afins de história, o quadro A8 (Anexo VI) apresenta a relação das oito instituições mais visitadas pelos alunos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.3.5
Museus ou instituições culturais afins de arte visitados

Depois dos museus de caráter histórico, os museus de arte foram os mais visitados pelos alunos. Os resultados da relação entre o número de museus de arte visitados e a rede de ensino estão expressos na tabela 21, abaixo. Nela podemos observar que, no que diz respeito à variável *número de museus visitados_arte*, 64% dos alunos da rede privada e 81% dos da rede municipal não foram a estes locais.

Tabela 21: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus de arte visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (Arte)	Não visitou	64	81
	Visitou 1	27	16
	Visitou 2	7	2
	Visitou 3	2	1
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Ainda com base nessa tabela, é possível verificar que os alunos da rede privada visitaram uma quantidade maior de museus, comparados com os da rede municipal. O número médio de museus de arte visitados pelos estudantes das unidades particulares (0.48, mínimo=0 e máximo=5) é praticamente o dobro do número médio dos pertencentes às unidades municipais (0.21, mínimo=0 e máximo=3).

Adotamos para os museus de arte o mesmo procedimento utilizado para os museus de caráter científico e histórico, ou seja, agrupamos as instituições citadas pelos alunos por subcategorias temáticas: belas artes, arte sacra e arte popular[16].

A tabela 22, subseqüente, mostra que os museus de belas artes foram os mais citados pelos alunos (21% visitaram um, 5% dois e 1% três). O percentual de estudantes que mencionaram um museu de arte sacra (2%), assim como um de arte popular (2%) é muito baixo.

[16] Para saber quais foram os museus mencionados pelos alunos, consulte o quadro A4 (Anexo VI).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Tabela 22: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus visitados ao longo da vida e as subcategorias temáticas dos museus de arte (%)

Número de museus visitados	Subcategorias temáticas dos museus de arte		
	Belas Artes	Arte Sacra	Arte Popular
Não visitou	73	98	98
Visitou 1	21	2	2
Visitou 2	5	-	-
Visitou 3	1	-	-
	100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

A literatura que trata das questões associadas à freqüência a museus de arte discute os resultados de inúmeras pesquisas que indicam que estas instituições são mais visitadas por pessoas desacompanhadas do que outros tipos de museus, por permitirem experiências de contemplação e fruição individual. Outras investigações apontam o espaço do museu de arte como um local de interação social e de lazer de famílias (Almeida, 2002).

As investigações especificamente desenvolvidas nos museus de artes visuais procuram conhecer o gosto e a percepção das obras pelos visitantes, sendo um exemplo clássico o estudo de Bourdieu e Darbel (1969)[17]. Estes pesquisadores realizaram uma investigação na década de 1960 que consistiu na aplicação de questionários em amostras selecionadas de museus de arte na França, Espanha, Grécia, Itália, Holanda e Polônia. No estudo, os autores confrontaram as características sociais e de escolaridade dos visitantes com suas atitudes sobre museus e preferências artísticas. A pesquisa evidenciou que a classe social mais representada no público dos museus era também a que declarava ter o hábito de freqüentá-los. Esta classe, denominada pelos autores de "*classe culta*", é aquela que tem acesso e a "*competência*" para a arte. O acesso e a necessidade da arte são um privilégio criado e legitimado por esta classe. Em oposição, estão as "*classes populares*": não sentem necessidade da arte *culta* e não têm os códigos para decifrar as obras de arte. Geralmente estes grupos solicitam mediadores (guias, catálogos, sinalização) para diminuir a inacessibilidade das exposições de arte.

[17] A pesquisa *L'amour de l'art*: *lês musées d'art européens et leur public* foi publicada originalmente em 1966. Em 1969, saiu uma edição revista e ampliada pela Editora de Minuit. Aqui está sendo usada a tradução da edição de 1969, publicada pela Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

"*O vácuo entre o que a exposição pretende apresentar e a possibilidade de fruição dos diversos públicos é precisamente o espaço para a mediação*", assinala Grinspun (2000, p.41) ao discutir esta questão em sua tese de doutorado. São muitos os instrumentos criados para facilitar o diálogo: textos de parede, folhetos, catálogos, *áudio-tours*, *cd-rom*, entre outros. No entanto, adotá-los como únicos recursos para a acessibilidade ao objeto artístico é problemático. A autora ressalta que o valor do contato pessoal que o mediador (monitor) pode estabelecer com os diversos públicos é enorme.

No caso de o público escolar, o veículo de intervenção pedagógica mais requisitado pelos professores é a visita monitorada. Alguns museus de arte emprestam a estes profissionais, materiais didáticos (textos históricos sobre a vida e trajetória de artistas, bibliografia de referência, etc.) especialmente elaborado para ser utilizado em sala de aula, além de oferecer capacitação continuada para os professores de artes visuais do ensino fundamental, com ênfase no uso de vídeo. No entanto, pesquisas de avaliação mostram que a maior parte dos professores procura fazer o máximo ao seu alcance, mas muitos não têm informações suficientes sobre o artista ou os movimentos artísticos dos quais participou. Não têm preparação, por exemplo, para utilizar imagens em sala de aula ou aproveitar o potencial de um vídeo (Almeida, op. cit.).

Para fechar essas considerações associadas aos museus ou instituições culturais afins de arte, o quadro A9 (Anexo VI) apresenta a relação das cinco instituições mais visitadas pelos alunos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.3.6
Centros culturais visitados

Depois dos museus de arte, os centros culturais foram os espaços mais visitados pelos alunos[18]. Os resultados da relação entre o número de centros culturais visitados e a rede de ensino estão expressos na tabela 23, subseqüente. Nela podemos observar que, no que diz respeito à variável *número de museus visitados_ centros culturais*, 70% dos alunos da rede privada e 88% dos da rede municipal não foram a estes locais.

[18] Para saber quais foram os centros culturais mencionados pelos alunos, consulte o quadro A5 (Anexo VI).

Tabela 23: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de centros culturais visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (Centro Cultural)	Não visitou	70	88
	Visitou 1	23	11
	Visitou 2	6	1
	Visitou 3	1	-
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Ainda com base nessa tabela, é possível verificar que os alunos da rede privada visitaram uma quantidade maior de centros culturais, comparados com os da rede municipal. O número médio de centros culturais visitados pelos estudantes das unidades particulares (0.39, mínimo=0 e máximo=4) é o dobro do número médio dos pertencentes às unidades municipais (0.14, mínimo=0 e máximo=4).

As questões mencionadas anteriormente, associadas aos museus de arte, podem ser consideradas para os centros culturais, pois os principais meios de interação dos alunos com estes espaços são as exposições por eles organizadas. Cabe sublinhar que embora os profissionais dos setores educativos destes centros tenham contato com professores por ocasião do agendamento de visitas escolares, nem sempre faz parte de seus objetivos e ações, elaboração prévia de roteiro de visitação, ajustes relativos às visitas monitoradas, empréstimo de material didático para a preparação dos estudantes, cursos de capacitação, avaliação, entre outros. Como suas exposições são temporárias, em geral, grandes projetos, as possibilidades de uma relação mais estreita com escolas e professores são menores.

Para fechar essas considerações associadas aos centros culturais, o quadro A10 (Anexo VI) apresenta a relação dos cinco centros mais visitados pelos alunos.

4.3.7
Museus ou instituições culturais afins militares visitados

Os museus militares foram os menos visitados pelos alunos[19]. Os resultados da relação entre o número de museus visitados e a rede de ensino estão expressos na tabela 24, subseqüente. Este caso é o único em que o percentual de estudantes das escolas particulares que não visitaram é maior do que o encontrado para as uni-

[19] Para saber quais foram os museus mencionados pelos alunos, consulte o quadro A6 (Anexo VI).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

dades municipais: 84% e 79%, respectivamente. Da mesma forma, o número médio de museus visitados pelos alunos das escolas municipais (0.23, mínimo=0 e máximo=3) é um pouco maior que o número médio dos pertencentes às unidades particulares (0.17, mínimo=0 e máximo=3).

Tabela 24: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus militares visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (Militares)	Não visitou	84	79
	Visitou 1	14	19
	Visitou 2	2	2
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Apesar de muitos museus militares possuírem em seus acervos instrumentos de caráter técnico-científico (por exemplo: museu da marinha, museu aeroespacial, museu navio Bauru, museu do exército), o enfoque de suas exposições é histórico. Deste modo, são considerados espaços não formais de educação em história e, de modo geral, oferecem possibilidades temáticas para os professores desta área: objetos, textos, figuras, fotografias articulados em suas exposições permitem a discussão de vários pontos do currículo de história do ensino fundamental. Contudo, seus setores educativos voltados para o atendimento sistemático do público escolar não são muito atuantes. Este fato pode ter relação com os achados desta pesquisa. Alguns museus militares são mais visitados em função da atração que seus acervos exercem: museu aeroespacial e museu do forte de Copacabana. Para fechar essas considerações, o quadro A11 (Anexo VI) apresenta a relação dos cinco museus militares mais visitados pelos alunos.

4.3.8
A localização geográfica dos museus ou instituições culturais afins visitados

Como mencionado anteriormente, as 120 instituições citadas pelos alunos também foram agrupadas pela sua localização geográfica[20]. Os museus localizados na região metropolitana do Rio de Janeiro foram os mais visitados (89%), comparados às outras localizações (25% para os situados fora da região metropolitana do Rio de

[20] Para saber a localização geográfica dos museus ou instituições culturais afins mencionados pelos alunos, consulte os quadros A2, A3, A4, A5 e A6 (anexo VI).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Janeiro e 3% para os localizados no exterior)[21]. Os resultados da relação entre número de museus visitados, localizados na região metropolitana do Rio de Janeiro, fora desta região e no exterior, e a rede de ensino estão expressos na tabela 25, abaixo.

Tabela 25: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus visitados ao longo da vida e a localização geográfica destes espaços, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (região metropolitana do Rio de Janeiro)	Não visitou	7	16
	Visitou 1	18	26
	Visitou 2	26	29
	Visitou 3	19	15
	Visitou 4	15	9
	Visitou 5	8	4
	Visitou 6	4	1
	Visitou 7	2	-
	Visitou 8	1	-
Total		100	100
Número de museus visitados (fora da região metropolitana do Rio de Janeiro*) * instituições localizadas em outros municípios do RJ e em outros estados brasileiros	Não visitou	65	88
	Visitou 1	25	10
	Visitou 2	6	2
	Visitou 3	3	-
	Visitou 4	1	-
Total		100	100
Número de museus visitados (exterior)	Não visitou	96	100
	Visitou 1	3	-
	Visitou 2	1	-
	Visitou 3		
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Podemos observar que, no que diz respeito à variável *número de museus visitados_região metropolitana do Rio de Janeiro*, 7% dos alunos da rede privada e 16% dos da rede municipal não foram a museus localizados nesta região. Considerando a variável *número de museus visitados_fora da região metropolitana do Rio de Janeiro*, o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram (65%) continua menor do que o das escolas municipais (88%). Como o esperado, somente os alunos das escolas particulares visitaram museus localizados no exterior (3%).

Ainda com base nessa tabela, é possível verificar que os alunos da rede privada visitaram uma quantidade maior de museus nas três regiões geográficas con-

[21] A tabela A15 mostra a distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus ou instituições culturais afins visitados ao longo da vida e a localização geográfica destes espaços (Anexo VII).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

sideradas, comparados com os da rede municipal. O número médio de museus localizados na região metropolitana do Rio de Janeiro, visitados pelos estudantes das unidades particulares é de 2.71 (mínimo=0 e máximo=8) *versus* 1.95 dos pertencentes às unidades municipais (mínimo=0 e máximo=8). Este número médio continua maior no caso de a variável *número de museus visitados_fora da região metropolitana do Rio de Janeiro*: 0.49 (mínimo=0 e máximo=5) *versus* 0.14 (mínimo=0 e máximo=3), respectivamente. O número médio de museus localizados no exterior e visitados apenas pelos estudantes da rede privada é de 0.05 (mínimo=0 e máximo=6). Estes resultados não surpreendem, uma vez que eles são influenciados pelos fatores socioeconômicos e culturais.

4.3.9
O contexto da visita a museus ou instituições culturais afins

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Cabe lembrar que aspectos tais como o período, o número de visitas e o contexto da visita estão condicionados aos itens que pediam ao aluno que nomeasse o museu que mais gostou e, além deste, um outro que tenha visitado.

Para os estudantes que nomearam de forma correta o museu ou instituição cultural afim que mais gostaram (85%), observamos que em relação ao período da visita, a distribuição percentual, por rede de ensino, é pouca distintiva: 49% dos estudantes da rede privada informaram que a visita a este local foi nos últimos 12 meses, comparados com 46% da rede municipal. Quando examinamos esta distribuição, considerando o número de vezes que visitou, constatamos que 47% dos alunos da rede privada foram *uma vez* ao museu que mais gostaram e 53% *mais de uma vez*. Já na rede municipal: 56% foram *uma vez* e 44% *mais de uma vez*. É evidente que o percentual de alunos da rede privada que foram *mais de uma vez* (53%) é um pouco maior que o dos alunos pertencentes à rede municipal (44%).

Os resultados da relação entre contexto da visita e rede de ensino estão expressos na tabela 26, subseqüente. Sabemos com base na literatura específica que jovens estudantes, via de regra, chegam aos museus por meio da família e da escola. Por conta disto e dos baixos percentuais encontrados para as outras situações de visita, optamos por comentar a distribuição relativa a estes dois contextos.

Tabela 26: Distribuição percentual dos alunos segundo o contexto da visita ao museu que mais gostou, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Contexto da visita (com quem visitou o museu que mais gostou)	Apenas com família	42	27
	Apenas com a escola	25	41
	Apenas com amigos ou sozinho	5	7
	Apenas com outras pessoas	1	3
	Com a família e com a escola	12	8
	Com a família e com amigos ou sozinho	6	3
	Outras combinações	9	11
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Examinando a tabela é possível constatar que o percentual de alunos da rede privada que visitaram o museu que mais gostaram *apenas com a família* (42%) é maior do que o encontrado para a rede municipal (27%). Verificamos a mesma situação no caso de a visita ter sido *com a família e com a escola*: 12% da rede privada *versus* 8% da municipal. Ocorre uma inversão quando o contexto da visita muda para *apenas com a escola*: 41% da rede municipal *versus* 25% da rede privada.

Esses achados dão pistas para explicar as diferenças encontradas entre o número médio de museus visitados pelos alunos e o número médio de museus visitados pelas escolas, mencionadas em subseções anteriores. Vimos que o número médio de museus visitados (qualquer temática restrito) pelos estudantes das escolas particulares (2.23) é maior do que o número médio dos pertencentes às escolas municipais (1.35). No entanto, o número médio de museus visitados pelas escolas municipais de nível socioeconômico baixo (5.17) e alto (4.92) é maior que o número médio das particulares de nível socioeconômico baixo (3.27).

Sabemos que famílias e escolas têm um papel relevante na constituição de um "*gosto*" e de um "*habitus*" de visita a museus ou instituições culturais afins. Ou seja, um trabalho de *inculcação* e de *assimilação* que exige investimentos de longa duração e que pode perfeitamente ser desempenhado por estes contextos, uma vez que a maioria dos jovens ainda passa grande parte de seu tempo no convívio com a família e com a escola. Com base nos resultados encontrados, podemos dizer que para os alunos pertencentes à rede municipal, a escola é um contexto muito importante, não só para promover o acesso, mas para garantir um número

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

maior de museus visitados. Para os alunos da rede privada, a família atua de forma mais marcante, garantindo o acesso e a quantidade de instituições culturais visitadas.

Cabe lembrar que os aspectos período, número de visitas e contexto da visita também estão condicionados ao item que pedia ao aluno que nomeasse, além do museu que ele mais gostou, um outro que tenha visitado. Pelo fato de os resultados encontrados para a outra instituição visitada (73% dos estudantes nomearam corretamente) serem semelhantes aos encontrados para o museu que mais gostou, optamos por reuni-los em uma única tabela (Tabela A16 do Anexo VII).

4.3.10
A freqüência de visita a museus nos últimos 12 meses

Nesta subseção será apresentada a relação entre dependência administrativa (rede municipal e privada) e a freqüência com que os alunos visitaram museus nos últimos 12 meses (2003), considerando qualquer temática amplo e restrito.

Tabela 27: Distribuição percentual dos alunos segundo a freqüência com que visitaram museus nos últimos 12 meses (2003), por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Freqüência de visita a museus nos últimos 12 meses/2003 (qualquer temática amplo)	Não visitou	13	21
	Visitou 1 a 2 vezes	50	55
	Visitou 3 a 4 vezes	20	14
	Visitou mais de 4 vezes	17	10
Total		100	100
Freqüência de visita a museus nos últimos 12 meses/2003 (qualquer temática restrito)	Não visitou	16	29
	Visitou 1 a 2 vezes	51	54
	Visitou 3 a 4 vezes	18	10
	Visitou mais de 4 vezes	15	7
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Observamos que em relação à variável *freqüência de visitas a museus nos últimos 12 meses_qualquer temática restrito* (parte inferior da tabela), o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram estes espaços no período considerado (16%) é menor do que o das unidades escolares municipais (29%). Chama a atenção a permanente diferença entre as redes de ensino, ou seja, o percentual de não-visita entre os estudantes das escolas particulares é sempre menor do que o encontrado para os pertencentes às unidades municipais. Vimos que no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

caso de os museus visitados ao longo da vida esta distribuição se mantém, exceto para os museus militares.

Ainda com base nessa tabela, podemos verificar que os alunos da rede privada tiveram uma freqüência de visita um pouco maior que os da rede municipal. O número médio de visitas dos estudantes das unidades particulares (considerando a variável *freqüência de visitas a museus nos últimos 12 meses_qualquer temática restrito*) é de 2.32 (mínimo=não visitou e máximo=visitou mais de 4 vezes) e de 1.95 para os pertencentes às unidades municipais.

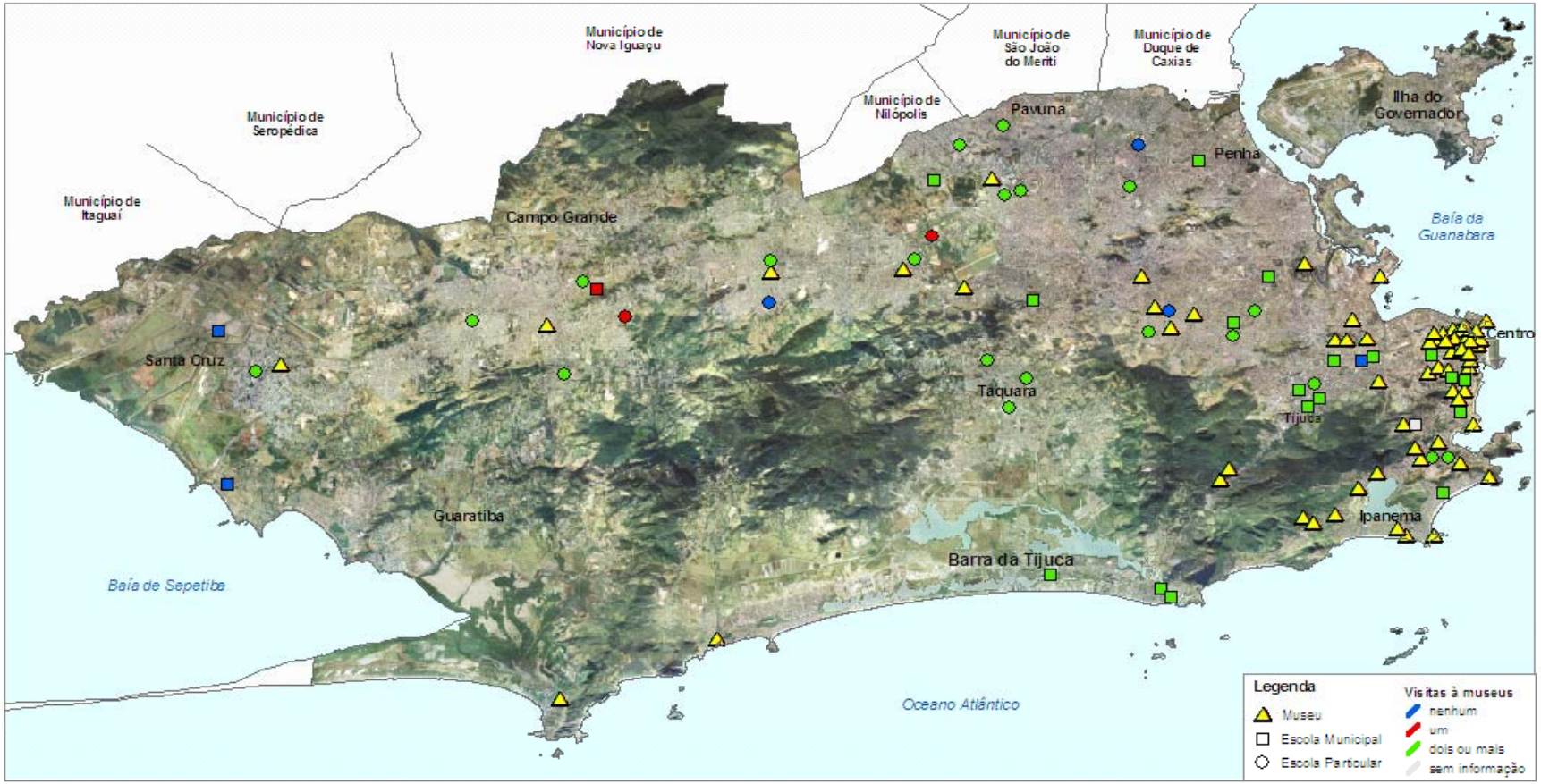
A figura 5, subseqüente, faz um fechamento das subseções anteriores, relativas à estatística descritiva do padrão de acesso a museus. Nestas subseções, questões associadas às visitas e aos museus freqüentados pelas escolas e às visitas e aos museus freqüentados pelos alunos foram apresentadas e discutidas. Esta figura mostra a distribuição geográfica dos museus ou instituições culturais afins visitados pelos alunos ao longo da vida, situados no município do Rio de Janeiro (63 instituições museológicas), e a distribuição geográfica das escolas amostradas, classificadas de acordo com o número de museus visitados nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram[22].

Em relação à localização dos museus ou instituições culturais afins, podemos perceber que estão concentrados, no Centro, Zona Sul e Tijuca, confirmando o levantamento de Coelho com base em dados do Instituto Pereira Passos/2003. Chama a atenção a escassez destes equipamentos culturais nos bairros da Zona Oeste (Barra, Campo Grande, Santa Cruz, Bangu e Guaratiba), bem como em Jacarepaguá e Cidade de Deus.

[22] Mapa cedido pelo Instituto Pereira Passos. A inserção dos pontos indicando a posição das escolas foi realizada por Maria do Carmo Dias Bueno, consultora da Ambiental Engenharia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Figura 5: Mapa da distribuição geográfica dos museus ou instituições culturais afins visitados pelos alunos e distribuição geográfica das escolas amostradas segundo o número de museus visitados no município do Rio de Janeiro



4.3.11
Os profissionais da escola e a organização de visita a museus

Nesta subseção serão abordados os descritores associados ao conceito de *padrão de acesso* que ainda não foram considerados: contato com a instituição a ser visitada; atendimento às solicitações do espaço cultural a ser visitado; meio de transporte utilizado e dificuldades encontradas para a realização da visita. Para as escolas que utilizam agência, agente ou empresa para organizar algumas visitas, foram ainda considerados: seleção, contato e razões pela preferência por agências.

Em 33% das escolas municipais o profissional que estabelece contato com o museu ou instituição cultural afim a ser visitado é o coordenador pedagógico. Já em 67% destas unidades escolares a tarefa é dividida com professores e direção. Existem diferenças no caso de as escolas particulares: em 29% delas o coordenador faz o contato e, em 71%, também estão envolvidos com esta rotina, professores, direção, secretaria e agência contratada para organizar a visita.

Os resultados relativos à participação em reunião para a preparação de roteiro de visita, no caso de a instituição cultural fazer este tipo de exigência, não causam surpresa. Em 33% das escolas municipais, o professor é quem comparece e, em 67%, somente a coordenação pedagógica divide com o corpo docente esta participação[23]. Em 25% das escolas particulares, o professor é o participante deste tipo de reunião. Mas, em 75%, coordenador pedagógico, diretor e agência contratada para organizar a visita também comparecem a estes encontros.

O esperado é que professores e coordenadores participem da reunião de preparação de roteiro de visita, porque são eles que poderão dar retorno à escola dos elementos abordados nas exposições. Via de regra, é neste momento que profissionais das escolas e profissionais de setores educativos de museus têm a oportunidade de ajustar questões com o intuito de fazer com que a visita seja uma experiência marcante e rica em aquisições. Como os profissionais de museus conhe-

[23] É importante lembrar que os profissionais envolvidos com a organização de visita a museus ou instituições culturais afins foram identificados nas escolas municipais e particulares no primeiro contato com a direção e/ou coordenação pedagógica, isto é, na reunião de apresentação desta pesquisa. No transcorrer destas reuniões foi recorrente a colocação de que as questões relacionadas às ações necessárias para implementar a ida dos alunos às instituições culturais eram discutidas em conjunto: corpo docente e coordenação pedagógica e, em algumas situações a direção participava. Como os coordenadores têm maior flexibilidade de tempo, providências necessárias para a conclusão do processo são realizadas por estes profissionais. Nas escolas municipais e particulares de grande e médio porte, coordenador e professores responderam o questionário. Nas unidades de pequeno porte, o coordenador respondeu.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

cem os conteúdos e as tramas narrativas de suas exposições, poderão ajudar na escolha de estratégias para que professores e/ou coordenadores alcancem os objetivos com relação à visita. Nesta troca, estes últimos podem ampliar e diversificar seus propósitos, e os responsáveis por atividades educativas em museus podem melhor conhecer o público ao qual se dirigem.

É importante considerar os resultados de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Museu de Astronomia e Ciências Afins[24], os quais constataram limitações das reuniões de preparação de roteiro de visita no sentido de promover mudanças na atitude pedagógica da maioria dos profissionais de escolas na sua relação com o museu. Transformar uma atitude pedagógica é uma desconstrução que exige mais do que uma capacitação de algumas horas e domínio de certos conteúdos. Demanda o domínio dos bastidores do museu, das diferenças da pedagogia a ser considerada durante as visitas em relação à pedagogia escolar, entendendo que se trata de outra forma de mediar a aprendizagem. O espaço do museu não pode ser compreendido como definitivo nos processo de aprendizagem, mas um mediador na dinâmica deste processo, sendo privilegiado como momento socialmente partilhado de apropriação do conhecimento.

Outra dimensão associada a esse tópico diz respeito à parceria educativa entre a escola e o museu discutido por Sepúlveda (2003). A autora argumenta que embora seja percebida como um projeto referendado por objetivos comuns (educar, facilitar o acesso à cultura, socializar),

> pode apresentar situações de conflito e incompreensão entre os atores engajados, decorrentes, muitas vezes, das abordagens diferenciadas, que estes defendem. Este aspecto coloca face a face não apenas as diferenças individuais dos parceiros na interpretação de situações operacionais (como preparar a visita, o que fazer durante e depois), mas verdadeiras culturas profissionais. Estas resultam de um processo contínuo, inaugurado nos espaços de formação inicial (onde se define a natureza do conhecimento e das competências pertinentes a uma dada atividade) e desenvolvido no exercício da profissão, caracterizando a assimilação de práticas, os valores e as condutas percebidos como "naturais" a um determinado campo de atuação profissional (Ibid., p.121).

Para que os objetivos almejados sejam alcançados, faz-se necessário inserir a visita em uma progressão pedagógica coerente que favoreça o diálogo entre os atores envolvidos. Conseguir isto não é tarefa fácil.

[24] Cazelli et al., 1997 e 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Outro ponto que faz parte da organização de visita é o transporte. *Ônibus alugado* (transporte especial) e *transporte público* são utilizados por 58% e 42% das escolas municipais, respectivamente. No caso de as escolas pertencentes à rede privada, são usados por 95% e 5%, respectivamente. Para ambas as instituições – escolas e museus –, o problema do transporte é um velho conhecido. Esta questão será tratada a seguir no contexto das dificuldades mencionadas para a realização de visita. A tabela 28, abaixo, apresenta os resultados.

Tabela 28: Distribuição percentual das escolas segundo as dificuldades encontradas para a realização de visita a museus, por rede (%)

Dificuldades	Rede	
	Municipal	Privada
Conseguir liberação das aulas com os outros professores	8	14
Conseguir autorização dos pais dos alunos para sair da escola	-	14
Controlar os alunos durante a saída da escola	13	14
Entrar em contato com a instituição cultural escolhida para ser visitada	38	29
Conseguir motivar os alunos para visitar esse tipo de espaço	13	43
Marcar a visita com a instituição cultural escolhida no período desejado	67	48
Superar a preocupação relativa à violência urbana	50	71
Resolver o problema do transporte	100	33
Conseguir recursos com os pais para despesas relacionadas à visita	83	57

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004
* As células devem ser lidas de forma independente (não soma 100%)

Algumas questões derivadas da relação entre pares, entre pais e escola e entre professores e alunos não se constituem em dificuldades para a prática de visita. São elas: *conseguir liberação das aulas com os outros professores* – esta questão não é entendida como problemática em 92% das escolas municipais e em 86% das particulares; *conseguir autorização dos pais para que os filhos participem deste tipo de atividade* – não é dificuldade em todas as escolas municipais e em 86% das unidades da rede privada; e o *controle dos alunos durante a saída da escola* – não é problema para 87% das escolas municipais e 86% das particulares. A informação, *conseguir motivar os alunos para visitar as instituições culturais*, é um aspecto que merece atenção em apenas 13% das escolas municipais e em 43% das particulares. Nas conversas que tive nas escolas por ocasião da apresentação desta pesquisa, professores comentaram que, dependendo da série e da turma, propor visita a espaços nos quais predominam atividades de lazer (os par-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

ques temáticos, por exemplo) encontra mais ressonância do que propor visita a espaços culturais.

Esse ponto remete a um outro que deriva da relação entre pais e escola e que em 83% das unidades da rede municipal e em 57% da rede privada é considerado como uma dificuldade para a organização de visita às instituições culturais: *conseguir recursos com os pais para despesas relacionadas a esta atividade*. Não foram poucos os professores e/ou coordenadores pedagógicos que teceram comentários sobre a recusa de pais em contribuir quando a saída envolvia visita às instituições culturais. No caso de os parques temáticos, por exemplo, não havia problema em dispor do recurso financeiro.

Procuramos verificar por meio da análise bivariada se existe relação entre esse tipo de dificuldade e a ida das escolas a museus nos últimos 12 meses (2003), considerando todas as turmas que visitaram (variável dependente dicotômica: *visita museu_qualquer temática restrito*). Observamos que das escolas municipais (83%) e das particulares (57%) que consideram a não-contribuição dos pais como uma dificuldade, 92% e 100%, respectivamente foram a museus no ano de 2003. Isto significa que embora a recusa seja apontada como algo que dificulta, não é um fator que impede a realização de visitas a estas instituições culturais.

Se *entrar em contato com a instituição cultural escolhida para ser visitada* não chega a ser um quesito difícil de ser resolvido, uma vez que 62% das escolas municipais e 71% das particulares não associam isto a uma dificuldade, *marcar a visita com a instituição cultural eleita no período que a escola deseja* é entendido por 67% das escolas municipais e um pouco menos da metade das particulares (48%) como um ponto problemático. Ambas as instituições, museus e escolas, têm calendários que atendem as suas especificidades e isto pode gerar este ponto de tensão. A despeito deste fato, a análise bivariada mostra que das escolas municipais que assinalaram este aspecto como problemático (67%), todas visitaram museus nos últimos 12 meses (2003). O mesmo acontece com as unidades da rede privada: 92% (de 48%) informam que foram a estes locais. Portanto, esta dimensão intrínseca à organização de visita não é impeditiva para a concretização da mesma.

Superar a preocupação relativa à violência urbana é mencionado por 50% das escolas municipais e 71% das particulares como algo que interfere na organização de visita. A violência urbana é uma questão que predominantemente nos últimos quinze anos passou a fazer parte da pauta cotidiana dos habitantes dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

grandes centros urbanos. E como não podia deixar de ser, das instituições escolares, notadamente as localizadas em áreas consideradas de risco. Contudo, é importante ressaltar que é uma marca dos tempos atuais, não é algo distinto dos setores menos favorecidos do ponto de vista socioeconômico e cultural. Os professores e/ou coordenadores pedagógicos, nas conversas que ocorreram durante a operacionalização do trabalho de campo desta pesquisa, destacaram a enorme responsabilidade que assumem quando saem com os alunos para as atividades extra-escolares, a despeito de a autorização dos pais ou de a segurança do transporte alugado em empresas de grande porte. Este fato e mais a preocupação com a violência urbana têm provocado uma diminuição na freqüência às instituições culturais. Em outras palavras, vêm reduzindo a saída dos alunos da escola. Estas colocações estão em consonância com as de Garcia Canclini (2000) quando ressalta a diminuição de freqüência a espaços culturais, em conseqüência das características de complexificação da vida urbana – disponibilidade de tempo, dificuldades nos deslocamentos e medo da violência urbana.

Apesar de toda essa argumentação, a relação bivariada entre s*uperar a preocupação relativa à violência urbana* e a *visita a museus* mostra que este quesito não é completamente impeditivo: constatamos que das escolas municipais (50%) e das particulares (71%) que o entendem como dificuldade, todas e 94%, respectivamente, freqüentaram museus ou instituições culturais afins no ano de 2003.

Uma outra questão associada à organização de visita e entendida como uma dificuldade pelas unidades escolares, mais para as municipais (a totalidade) e muito menos para as particulares (33%), diz respeito ao transporte. Solucionar este quesito é prioritário para aqueles que estão diretamente envolvidos com o estabelecimento de uma prática de visita, visto que este problema pode assumir, em inúmeras circunstâncias, um caráter impeditivo. De modo geral, as escolas procuram superar este limite, buscando cooperação com os pais, comunidade, proprietários das empresas de transporte, contatos com políticos, etc., ou seja, mobilizando as redes de relações sociais (capital social). Alguns museus ou instituições culturais afins incluem o item transporte nos pedidos de patrocínio para seus projetos. Quando bem sucedidos, conseguem resolver temporariamente esta questão, uma vez que propiciam as condições para que as escolas cheguem a estes locais.

Embora o item transporte seja um ponto crítico, a análise bivariada indica que das escolas municipais que assinalaram este aspecto como problemático (a totalidade),

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

94% visitaram museus nos últimos 12 meses (2003). O mesmo acontece com as unidades da rede privada: todas (de 33%) informam que foram a estes locais. Embora seja um elemento problemático, de forma alguma assume um caráter impeditivo para a concretização de visitas.

A última dimensão associada à organização de visita diz respeito às escolas que em algumas situações – atividades extra-escolares que exigem deslocamento dos alunos para outros municípios ou estados e permanência de alguns dias – priorizam trabalhar com agência, agente ou empresa que além de elaborar o projeto educacional/cultural fornece toda a logística, ou seja, agendam as visitas, organizam horários e transporte, estabelecem os roteiros e fazem a mediação. É o caso de 48% das escolas particulares. As unidades escolares da rede municipal não fazem uso deste recurso.

Na década de 1990, empresas de turismo já estabelecidas e outras que surgiram a partir da reunião de profissionais da área de educação começaram a se organizar para elaborar projetos de caráter educacional/cultural, voltados para a educação infantil, ensino fundamental e médio. Passaram a elaborar roteiros temáticos que contemplavam as áreas de história, geografia, arte e ciências, incluindo museus ou instituições culturais afins e centros históricos de cidades (por exemplo, Rio de Janeiro, Parati, Salvador, cidades históricas de Minas Gerais, ciclo do café do Vale da Paraíba, circuito do descobrimento do Brasil na Bahia, entre outros). Além destes, também priorizaram os projetos de educação ambiental, envolvendo as reservas florestais e biológicas, assim como as instituições culturais de temática científica. Organizaram cadastros de escolas, principalmente das pertencentes à rede privada e divulgaram seus projetos pedagógicos culturais. Paralelamente, entraram em contato com as instituições culturais e começaram a fazer os cursos oferecidos para capacitar professores no uso do museu como recurso didático, além de participar da reunião de preparação de roteiro de visita.

Em relação a esse quesito, apuramos os seguintes resultados. Das escolas particulares que usam agência (48%), em 64% o profissional responsável pela seleção da agência é o coordenador pedagógico e em 36% esta rotina é dividida com professores e direção. Os achados relativos à mediação com a agência selecionada mostram que em 73% destas unidades o coordenador é quem desempenha este tipo de tarefa e em 27% também estão envolvidos direção e secretaria. No tocante à elaboração do projeto para visitar as instituições culturais, em 73% este processo é feito de forma integrada, ou seja, juntamente com a agência.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

4.4
Os profissionais da escola e a mobilização para a prática de visita

As redes de relações sociais que são estabelecidas no contexto escolar, visando promover o acesso dos alunos a museus ou instituir a prática de visita nas escolas foram consideradas como atributos do capital social baseado nestas instituições.

A literatura que aborda a questão da relação museu-escola aponta os professores e os coordenadores pedagógicos como os agentes que mais mobilizam, interagem e agem para fazer com que a prática de visita a museus ou espaços culturais afins se torne parte integrante do contexto escolar. Os achados encontrados mostram que em 38% das escolas municipais os professores são os agentes que mais mobilizam para a promoção do acesso. Já em 62% destas unidades escolares, dividindo com o corpo docente, aparece o coordenador pedagógico em primeiro lugar e a direção em segundo. Nas escolas particulares ocorrem alterações apenas nos percentuais: em 24%, os professores são os maiores mobilizadores e em 76% são citados coordenador pedagógico e direção, respectivamente.

Sobre a mobilização para promover o acesso, a literatura específica informa que o estabelecimento da relação com museus está associado tanto à prática pedagógica dos docentes como ao planejamento institucional. Quando professores querem levar alunos para conhecer e interagir com as instituições museológicas, as decisões no que diz respeito a este processo vão depender de como esta prática esteja inserida na escola.

Indagamos aos professores e/ou coordenadores pedagógicos envolvidos com a organização de visita, utilizando as categorias de resposta *concorda totalmente*, *concorda*, *discorda* e *discorda totalmente*, se *os coordenadores facilitam as visitas*; se *os outros professores da escola se envolvem com os temas das visitas*; se *a proposta pedagógica da escola estimula as visitas* e *se eu não trabalhasse nesta escola, provavelmente visitas não seriam realizadas*. A tabela A17 do Anexo VII apresenta a distribuição percentual.

Os resultados encontrados sobre esse assunto mostram que em todas as escolas municipais e particulares, o coordenador pedagógico é visto como um facilitador do processo relacionado à instituição da prática de visita. No tocante ao envolvimento do corpo docente com os temas das visitas, 83% das escolas municipais e 81% das particulares concordam que este tipo de participação ocorre. Prati-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

camente não há discordância quanto ao fato de que a proposta pedagógica da escola estimula o estabelecimento da prática em foco: tanto as unidades da rede municipal (96%) como as da rede privada (91%) concordam com isto. A situação muda completamente quando se enfatiza que a promoção do acesso às instituições culturais está associada à prática pedagógica de determinado docente, caracterizando uma iniciativa individual, ou seja, visitas não seriam realizadas se determinado professor não trabalhasse na escola. Em todas as escolas municipais e em 81% das particulares ocorre total discordância em relação a isto.

4.5
O contexto escolar, os profissionais e os aspectos culturais

Para caracterizar culturalmente o contexto escolar, foram utilizados os conceitos associados ao tema capital cultural: a disponibilidade de recursos educacionais/culturais nas escolas[25] e as práticas culturais de seus profissionais (professores e/ou coordenadores pedagógicos e diretores).

Indagamos aos professores e/ou coordenadores pedagógicos envolvidos com a organização de visita, bem como aos diretores ou representantes sobre a disponibilidade nas escolas em que trabalham dos seguintes recursos educacionais/culturais: jornais, revistas de informação geral, revistas de divulgação científica, televisão, vídeo cassete ou DVD, vídeos educativos, aparelho de som, retroprojetor, projetor multimídia, computador, *software* educativos e acesso à Internet.

Os equipamentos de cunho tecnológico comunicacional básicos (televisão, aparelhos de vídeo e de som) utilizados para apoiar atividades desenvolvidas na sala de aula ou fora dela estão disponíveis em todas as escolas municipais e particulares. Cabe lembrar que estamos falando das unidades escolares urbanas pertencentes à rede municipal e privada do município do Rio de Janeiro. E, no caso específico das escolas municipais, as determinações para a dotação deste tipo de recurso são estabelecidas em nível central (SME).

Quanto aos computadores é importante dizer que embora presentes na totalidade das escolas municipais e particulares, geralmente, estão disponíveis para

[25] Cabe mencionar que optamos pela expressão *recursos educacionais/culturais*, porque a relação disponibilizada na questão que pede aos profissionais e aos diretores que informem sobre a existência de determinados itens na escola em que trabalham (pq18 a pq29 e dq5 a dq16, respectivamente / Questionários / Anexo II) contém tanto os considerados de caráter educacional, como cultural e informacional.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

direção, equipe pedagógica e corpo docente. De acordo com os dados do Censo Escolar 2003, apenas 32% das unidades escolares municipais dispõem de laboratório de informática com computadores para uso dos alunos. Chama a atenção a discrepância entre as redes, visto que este recurso está presente em 91% das unidades particulares. A disponibilidade de retroprojetor é equânime nas duas redes (84% e 83%, respectivamente). Somente as escolas particulares (39%) possuem o projetor de multimídia – equipamento sofisticado e caro.

A tabela 29, abaixo, apresenta os achados sobre a disponibilidade de materiais de comunicação impressos e outros tipos de recursos.

Tabela 29: Distribuição percentual das escolas segundo a disponibilidade de recursos educacionais/culturais (%)

Rede	Recursos Educacionais / Culturais					
	Vídeos educativos	Acesso Internet	*Softwares* educativos	Revistas Divulgação Científica	Revistas Informação Geral	Jornais
Municipal	100	80	68	84	68	72
Privada	96	87	87	83	91	83

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

Não surpreende o fato de os vídeos de caráter educativo estarem presentes na totalidade das escolas municipais, uma vez que a Empresa Municipal de Multimeios da Cidade do Rio de Janeiro (Multirio) é parte integrante da SME. O acesso à Internet está garantido em 80% destas unidades e em 87% das escolas particulares. Quanto aos programas educativos de computador (*softwares*), estão presentes em 87% das escolas da rede privada e em um percentual menor (68%) na rede municipal.

Considerando a distribuição percentual das escolas em relação aos materiais de comunicação impressos, observamos que a diferença entre redes municipal e privada, quanto à disponibilidade destes recursos, não é tão marcante, ou seja, 84% e 83% dispõem de revistas de divulgação científica e 72% e 83% dispõem de jornais, respectivamente. O caso de as revistas de informação geral é uma exceção: 68% e 91%, respectivamente.

Esse conjunto de recursos educacionais/culturais (capital cultural objetivado) só poderá exercer uma ação tanto educativa como cultural se corpo docente, equipes pedagógicas e direção possuírem capital cultural incorporado, conforme ressalta

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

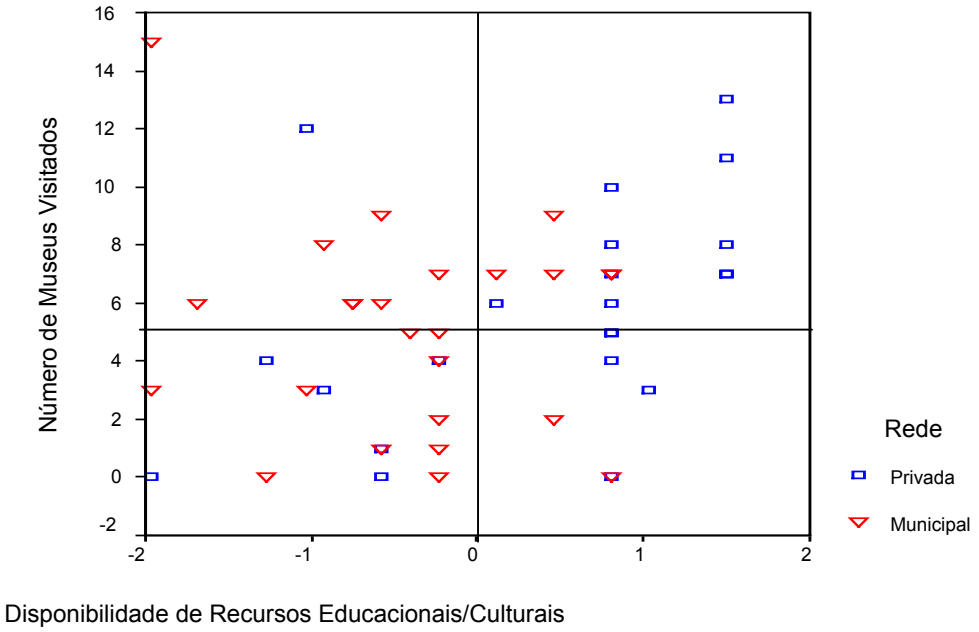
Bourdieu (1979): para se apropriar simbolicamente dos bens culturais é preciso ter os instrumentos desta apropriação e os códigos necessários para decifrá-los.

Também Libâneo (2003) sublinha que a escola só poderá ajudar os alunos a reordenar e reestruturar a informação que aprendem a buscar no livro didático, na TV, no vídeo, na Internet, no *software* educativo, nas revistas de informação geral e de divulgação científica e no jornal, "*desde que saiba dotá-los dos meios de buscar informação, de modo que desenvolvam suas capacidades de receber e integrar a informação mas também de produzi-la, de criar conhecimento*" (Ibid., p.26).

Procuramos averiguar se o indicador *disponibilidade de recursos educacionais/culturais* tem correlação com a variável dependente *número de museus visitados_qualquer temática restrito* (últimos 12 meses/2003, considerando todas as turmas que visitaram). O gráfico 9 abaixo mostra os resultados na rede municipal e na privada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Gráfico 9: Distribuição das escolas segundo o número de museus visitados e a disponibilidade de recursos educacionais/culturais na rede privada e municipal



Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações*?, 2004

As retas vertical e horizontal foram inseridas para melhor visualização das médias (zero e 5.42, respectivamente). Os pontos que estão plotados à esquerda da reta representam as escolas que têm baixa disponibilidade de recursos educacionais/culturais e aqueles que estão situados à direita as escolas que têm alta dispo-

nibilidade destes recursos. Podemos observar que a maioria das unidades municipais se encontra à esquerda da reta e a maioria das particulares à direita, indicando que possuem baixa e alta disponibilidade de recursos educacionais/culturais, respectivamente. Embora as unidades da rede municipal tenham baixa disponibilidade destes recursos (há uma maior concentração em torno da média e um grupo menor que se equipara às escolas particulares), sabemos que o número médio de museus visitados (qualquer temática restrito: 5.04) é bastante próximo do número médio das escolas particulares (5.64). Chama a atenção (quadrante superior esquerdo) um grupo reduzido de escolas da rede municipal que tem menor disponibilidade destes recursos, mas visitou uma quantidade maior de museus (bem acima da média). Percebemos que no quadrante superior direito há um pequeno grupo de unidades escolares da rede privada que possui alta disponibilidade de recursos educacionais/culturais e número de museus visitados acima da média.

Para verificar se a disponibilidade de recursos educacionais/culturais tem associação com o número de museus visitados, foi realizada a análise de correlação de Pearson. O coeficiente encontrado para a rede municipal (– 0.15 e p-valor = 0.570) indica uma associação negativa entre a variável dependente e a independente, ou seja, escolas que têm baixa disponibilidade de recursos educacionais/culturais visitam um número maior de museus. Além disto, o teste de hipótese para o coeficiente não é estatisticamente significativo. O resultado encontrado na amostra não pode ser generalizado para a população de referência, uma vez que a probabilidade de erro é altíssima (57%). O coeficiente de correlação encontrado para a rede privada (+ 0.48 e p-valor = 0.008) indica uma associação positiva entre a variável dependente e a independente, ou seja, escolas que têm alta disponibilidade de recursos educacionais/culturais visitam um número maior de museus. O teste de hipótese para este coeficiente é estatisticamente significativo, indicando que o resultado encontrado na amostra pode ser generalizado para a população de referência, uma vez que a probabilidade de acerto é de 99%.

Em síntese, observando exclusivamente as escolas municipais, constatamos que não existe uma relação entre a disponibilidade de recursos educacionais/culturais e o número de museus visitados, enquanto nas particulares esta relação é evidente. Esses resultados expressam o fato de que o fomento para o acesso a museus ou instituições culturais afins é uma política geral desta rede de ensino,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

reafirmando que ações, mobilização, investimentos e trocas que são estabelecidas para instituir a prática de visita estão associados à escola.

Foi mencionado anteriormente que conhecer a prática cultural dos profissionais das escolas (corpo docente, equipes pedagógicas e direção) tem relevância, pois trazem à tona dimensões da vida social cuja consideração pode ampliar a compreensão da educação e do papel destes profissionais na sociedade atual.

Nos dias de hoje, argumenta Costa (2003, p.43), é necessário que professores não fiquem tão circunscritos à escola e às práticas escolares. É preciso que "*se abram mais para o mundo*, *que não fiquem tão restritos aos problemas e às compreensões que emergem do interior da escola*". A autora considera que ir ao cinema semanalmente é tão importante quanto discutir com os pares.

Essa argumentação vai ao encontro do que pensa Libâneo (op. cit., p.25): "*é preciso que os professores compreendam que a escola não é mais a única agência de transmissão do saber*". Este autor utiliza a expressão "*escola como espaço de síntese*" para explicitar suas posições atuais sobre a escola. "*Síntese entre a cultura experienciada que ocorre na comunidade*, *na cidade*, *na rua, nos meios de comunicação*, *na família*, *no trabalho*, *e aquela cultura formal que a escola representa*". E para que a escola seja concebida como centro de formação, é esperado que atividades ligadas à cultura como música, literatura, museu, teatro, cinema, entre outras sejam partes importantes do processo educativo.

Indagamos aos profissionais (professores e/ou coordenadores envolvidos com a organização de visita e diretores) sobre a freqüência com que nos últimos 12 meses (2003) foram ao cinema, ao teatro, a uma ópera ou a um concerto de música clássica, a um balé ou a um espetáculo de dança, a um museu, a um show de música e à livraria. A freqüência foi medida a partir de quatro categorias de resposta: *não*, *1 a 2 vezes*, *3 a 4 vezes* e *mais de 4 vezes*. A distribuição percentual dos profissionais segundo sua prática cultural, nos últimos 12 meses (2003), está apresentada na tabela A18 do Anexo VII.

Entre as preferidas, destacam-se cinema e livraria: 75% dos profissionais da rede municipal e 83% dos da rede privada freqüentaram estes espaços, considerando a soma das categorias *3 a 4 vezes por ano* e *mais de 4 vezes*. A pesquisa da UNESCO (2004) sobre o perfil dos professores brasileiros indica que 49,2% dos docentes freqüentam *algumas vezes por ano* as salas cinematográficas, mas 8,6% nunca foram ao cinema.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Em relação a museu ou instituição cultural afim, a constância com que estes profissionais usufruem deste espaço de cultura diminui, mas permanece considerável, notadamente para os que trabalham na rede privada: 74% dos profissionais os visitaram (*3 a 4 vezes por ano* e *mais de 4 vezes*) *versus* 38% das municipais. A preferência para show de música é ainda significativa, uma vez que 38% dos profissionais das unidades escolares municipais *versus* 43% das particulares disseram que assistiram este tipo de espetáculo *3 a 4 vezes por ano* e *mais de 4 vezes*. Estes resultados não são muito diferentes dos encontrados pela pesquisa da UNESCO (2004) para estes dois tipos de prática cultural: 50,4% e 46% dos professores brasileiros do ensino fundamental e médio vão, *algumas vezes por ano*, a museus e shows de música, respectivamente. No entanto, 14,8% e 21,6% nunca foram.

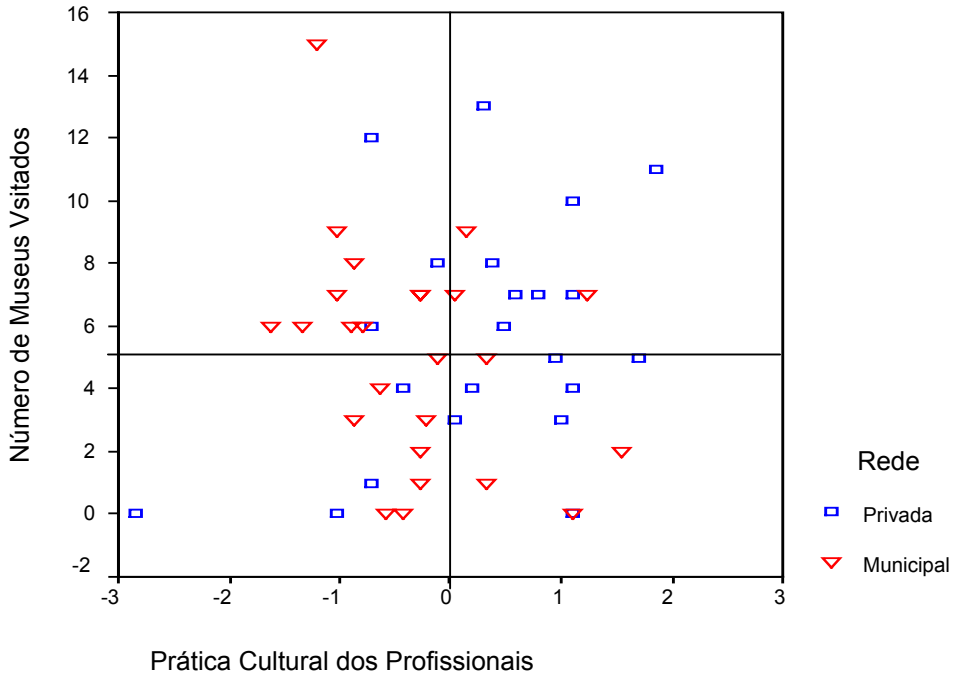
Constata-se uma queda na distribuição percentual quando observamos os dados relativos ao teatro: apenas 12% dos profissionais da rede municipal e 26% dos da rede privada fruíram de espetáculos teatrais, considerando a soma das categorias *3 a 4 vezes por ano* e *mais de 4 vezes*. Quando o foco se desloca para espetáculos de dança/balé e concertos/óperas, não surpreende o quão distante destas práticas culturais estão os profissionais das escolas: nenhum dos que pertencem às unidades municipais foi a estes espetáculos *3 a 4 vezes por ano* e *mais de 4 vezes*. Já na rede privada o resultado é outro: 17% e 13%, respectivamente os freqüentaram. Considerando a categoria *1 a 2 vezes por ano*, os resultados são mais animadores: 25% e 9% dos profissionais das unidades escolares municipais assistiram balé e concertos, respectivamente *versus* 35% e 22% das particulares, respectivamente.

Os dados sobre as práticas culturais dos profissionais participantes desta pesquisa evidenciam que estão culturalmente acima da média da população como um todo, uma vez que têm acesso aos espaços culturais disponíveis no contexto social e a constância com que os freqüentam é considerável. Entretanto, é possível associar a pequena significância da freqüência apresentada para algumas práticas culturais não só à escassez de equipamentos culturais e sua desigual distribuição entre as áreas do município do Rio de Janeiro, mas também às ofertas diferenciadas destes eventos e atividades e ao valor pago para se ter acesso a eles.

Procuramos averiguar se o indicador *prática cultural dos profissionais das escolas* tem correlação com a variável dependente *número de museus visitados_qualquer temática restrito* (últimos 12 meses/2003, considerando todas as turmas que visitaram). O gráfico 10, subseqüente, mostra os resultados na rede municipal e na privada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

Gráfico 10: Distribuição das escolas segundo o número de museus visitados e a prática cultural dos profissionais na rede privada e municipal



Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura*, *Museus*, *Jovens e Escolas*: *quais as relações*?, 2004

As retas vertical e horizontal foram inseridas para melhor visualização das médias (zero e 5.42, respectivamente). Os pontos que estão plotados à esquerda da reta representam as escolas cujos profissionais têm baixa prática cultural e os situados, à direita, aquelas cujos profissionais têm alta prática cultural. Podemos observar que a maioria das escolas municipais se encontra à esquerda da reta e a maioria das particulares à direita, indicando que seus profissionais possuem baixa e alta prática cultural, respectivamente.

Embora as unidades da rede municipal tenham profissionais com baixa prática cultural (há uma maior concentração em torno da média e um grupo menor que se equipara às escolas particulares), sabemos que o número médio de museus visitados (5.04) é bastante próximo do número médio das escolas particulares (5.64). Chama a atenção (quadrante superior esquerdo) um grupo reduzido de escolas da rede municipal cujos profissionais têm baixa prática cultural, mas visitou uma quantidade maior de museus (bem acima da média). Percebemos que no quadrante superior direito há um pequeno grupo de unidades escolares da rede priva-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA

da que possui profissionais com alta prática cultural e número de museus visitados acima da média.

Para verificar se a prática cultural dos profissionais das escolas tem associação com o número de museus visitados, foi realizada a análise de correlação de Pearson. O coeficiente encontrado para a rede municipal (– 0.37 e p-valor = 0.140) indica uma associação negativa entre a variável dependente e a independente, ou seja, escolas cujos profissionais têm prática cultural baixa visitam um número maior de museus. Além disto, o teste de hipótese para o coeficiente não é estatisticamente significativo. O resultado encontrado na amostra não pode ser generalizado para a população de referência, uma vez que a probabilidade de erro está acima de 10% (14%). O coeficiente de correlação encontrado para a rede privada (+ 0.35 e p-valor = 0.060) indica uma associação positiva entre a variável dependente e a independente, ou seja, escolas cujos profissionais têm prática cultural alta visitam um número maior de museus. O teste de hipótese para este coeficiente é estatisticamente significativo, indicando que o resultado encontrado na amostra pode ser generalizado para a população de referência, uma vez que a probabilidade de acerto é de 90%. Estes dados, semelhantes àqueles que foram encontrados para o indicador *disponibilidade de recursos educacionais*/*culturais*, mostram que nas escolas municipais não existe uma relação entre a prática cultural dos profissionais e o número de museus visitados, enquanto nas unidades particulares esta relação é evidente. Da mesma forma, estes resultados expressam o fato de que o fomento para o acesso a museus ou instituições culturais afins é uma política geral da rede municipal, reafirmando que ações, mobilização, investimentos e trocas que são estabelecidas para instituir a prática de visita estão associados à escola.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0114340/CA